

O Berrão

2025.2



HISTÓRIAS DE Mãe

Cinco mulheres compartilham suas vivências com nossos repórteres e provam que a maternidade vai muito além da relação entre mães e filhos

EDITORIAL

Vozes, silêncios e memórias

O Berro é uma revista produzida na disciplina de Redação Multimídia, no curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Nela, os estudantes desenvolvem, em conjunto, um produto jornalístico coletivo – da escolha do tema à finalização das reportagens.

Em 2025.2, a turma do sétimo período decidiu voltar o olhar para as múltiplas formas de maternidade. Histórias diversas, marcadas por afetos, desafios, vínculos e trajetórias.

Cada repórter entrevistou uma personagem individualmente, reunindo relatos íntimos e potentes. No dia 30 de outubro de 2025, todas elas participaram de uma conversa conjunta e também de uma sessão de fotos.

Esta edição nasce do percurso das vozes, silêncios e memórias que compõem as *Histórias de Mãe*.

EQUIPE

Professor

Dario Brito

Estagiária docente

Tatiana Teles

Editora-chefe

Giovanna Lacerda

Fotografia

Isabela Ferro

Ilustradora

Isabela Ferro

Repórteres

Isabela Ferro

Camila Deschamps

Ivanildo Neto

Giovanna Lacerda

Cecília Nascimento

Esaú Júlio



NESTA EDIÇÃO

5 Kattyenne Asfora
Por Camila Deschamps

16 Luzia Lira
Por Ivanildo Neto

24 Maria José
Por Isabela Ferro

34 Neuma Coelho
Por Giovanna Lacerda

44 Maria Laura
Por Esaú Júlio



SEGUNDO *Katzenne* NUNCA É
TARDE PARA SER MÃE





” Quando chegamos no abrigo, nós encontramos apenas um deles; o outro ainda ia voltar da escola. Imediatamente, quando nos encontramos com o mais velho, houve uma química muito interessante entre nós e, principalmente, entre ele e o meu esposo. O mais novo chegou mais desconfiado, acanhado, mas foi como se eles soubessem que estávamos ali para eles. Tinham tantas crianças e fomos bem discretos, tentando falar com todos, mas eles (os meninos) colaram na gente de um jeito que pareceu que eles diziam ‘pronto, esses dois vieram nos buscar’. Foi bem incrível e impossível de disfarçarmos nossa sintonia com eles. Pareciam crianças felizes, curiosas e bem peraltas.”

Por meio desta lembrança, Kattyenne Kabbaz Asfora, dentista, professora, pesquisadora e, acima de tudo, mãe, relembra seu primeiro contato do casal com os futuros filhos, em 2017. No enxerto, ela resgata o início da concretização da maternidade, um desejo de longa data, cultivado por ela e por seu marido, Rotilio Bernardo. Aos 50 e 57 anos, respectivamente, o casal, residente do município de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife (RMR), adotou os irmãos João e Mateus (nomes fictícios). Assim, teve início a história de uma nova família e, com ela, um período de eterno aprendizado e transformação.

A nova possibilidade

O desejo pela maternidade sempre esteve presente nas vivências de Katty e, ao se deparar com a opção da adoção, mergulhou a fundo no novo universo, até então desconhecido pelo casal, para aprender sobre o caminho para a nova possibilidade. O caminho para adotar uma criança ou adolescente no Brasil pode até parecer simples e rápido de ser realizado, mas não é, apesar do



O BERRO

grande número de crianças abrigadas; inicialmente, ela e o marido não possuíam conhecimento algum sobre como o sistema funcionava ou sequer como iniciar os procedimentos legais, o que exigiu mais tempo para todo o aprendizado e início do processo.



Os trâmites da adoção de Kattyenne e Rotilio começaram com a ida à Vara da Infância e Juventude da comarca de Camaragibe para obter informações e, posteriormente, realizar o pré-cadastro no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA). Existem diversas etapas a serem vencidas, além da necessidade da realização de um curso preparatório para os futuros responsáveis adotivos. Há, ainda, algumas particularidades nos trâmites da adoção, que podem variar a depender da localidade onde a família reside, sua comarca, as visitas domiciliares e entrevistas com uma equipe multiprofissional.

Uma vez cumpridas todas as exigências, foi possível solicitar a inscrição para a Habilitação à Adoção, que marca o início formal do processo.

Durante o período de trâmites legais para que o casal recebesse a habilitação para adotar, Kattyenne ingressou na Associação Pró-Adoção e Convivência Familiar – Gead Recife, um grupo de estudos sobre adoção, local onde encontrou apoio e conhecimento sobre o assunto. Ela revela que, ao integrar o espaço, pôde desmitificar o medo e as dúvidas que tinha a respeito do início do processo de adoção e, inclusive, transmitir os novos conhecimentos à sua família. Ao fim, Katty e Rotilio passaram cerca de seis meses para poder ter a Habilitação para Adoção e, enfim, entrar no SNA; eles não tinham ideia de que só conheceriam seus filhos anos depois. Foi um longo tempo de espera e esperanças deixadas de lado; o casal não fazia mais planos ou viajava pois, a qualquer momento, uma simples chamada de telefone poderia chegar e mudar o rumo de suas vidas: a ligação que tanto aguardavam, que diria que o momento havia chegado, que eles se tornariam pais.

Trajetória de vida

Há idade certa para ser mãe? Existem contextos ideais para que a maternidade aconteça? Para Kattyenne, a lacuna dos cerca de seis anos de espera até aquele momento foi preenchida com acolhimento, dedicação e, sobretudo, amor. E, por falar em amor, este é um ingrediente que nunca faltou ao longo de sua vida. Ao fim de 1966, a família deu as boas-vindas à caçula dos três filhos. Kattyenne nasceu na capital pernambucana e cresceu junto aos pais, irmãos, primos e avós e teve uma infância marcada por afeto, festas e risadas. Ela guarda memórias das comemorações em Itamaracá, na casa de veraneio da família, sinônimo de alegria, união e refúgio. Em suas memórias mais especiais da infância, recorda com amor e carinho sua babá, Téia; elas criaram um lindo elo de carinho e cuidado. Quando criança, Kattyenne presenteava a babá nos Dias

O BERRO

das Mães; anos depois, assim como acontece nas relações de mães e filhos, Katty cuidou de Téia quando ela adoeceu e esteve ao lado dela até seus últimos dias.

Ao decorrer dos anos, Katty trilhou o caminho de sua vida profissional: Em 1985, foi aprovada em odontologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde realizou sua graduação. Em seguida, ingressou no Mestrado em Dentística e Endodontia na Faculdade de Odontologia de Pernambuco (FOP/UPE) em 1990 e, cinco anos depois, fez o Doutorado nas mesmas áreas e universidade. Desde pequena, Kattyenne tinha o desejo de ser professora, mas não era de sua vontade estudar pedagogia. Então, resolveu unir o “cuidar de gente” e o lecionar e foi aprovada no concurso público para ensinar na FOP/UPE;

Katty passou a ministrar a disciplina de Dentística na década de 90. Hoje em dia, ela segue dando aulas e coordena, há 10 anos, o projeto de extensão “Humaniza FOP – Ciência, Saúde e Espiritualidade”. Também nos anos 90, ela começou a atuar na prefeitura do Paulista, município na Região Metropolitana do Recife, onde continua trabalhando até então.



Para além do conhecimento, a odontologia também a trouxe amor e vínculos especiais: foi no Mestrado, nos anos 90, que conheceu Mônica Pontes, colega de profissão e amiga há 31 anos. A odontóloga é professora da UPE há pouco mais de 30 anos e, atualmente, ocupa o cargo de pró-reitora administrativa e financeira; Mônica também é mãe, é casada e tem 3 filhos e 2 netos. As duas profissionais dividem, até hoje, uma grande parceria e, segundo Mônica, são conectadas por uma relação de amizade, amor e um imenso carinho. A amiga acompanhou Kattyenne durante todo o processo da adoção dos meninos e lembra das visitas, do período da preparação do futuro quarto e até da compra de roupas e brinquedos.

Na visão de Mônica, “Katty tem uma leitura de vida diferenciada e sempre quer ajudar”, olhar esse que permeia o vínculo das duas, com “amor e apoio para ultrapassar os percalços”. A amizade das duas foi construída pelo alinhamento dos valores, pela troca e pelo aprendizado mútuo. Ao falar sobre a convivência na FOP, Mônica enfatiza que todos gostam e nutrem carinho pela versão professora de Kattyenne, desde seus alunos até os outros colegas do corpo docente e os funcionários e completa: “Todos a admiram e a respeitam, ela é compromissada e se dedica a tudo o que se propõe a fazer”. Em entrevista, Kattyenne revela que, apesar do grande desejo de lecionar, cultivado por uma longa data, sua percepção como professora se transformou após se tornar mãe. Desde então, ela se vê capaz de enxergar os alunos com mais amor, paciência e empatia; afinal, “é como se eles fossem meus filhos, eles poderiam ser”. Katty alega que uma das coisas que a maternidade a trouxe foi um olhar diferenciado para os estudantes e que a fez amadurecer e liberar emoções que costumavam estar mais reservadas enquanto docente.

O BERRO

Katty passou a ministrar a disciplina de Dentística na década de 90. Hoje em dia, ela segue dando aulas e coordena, há 10 anos, o projeto de extensão “Humaniza FOP – Ciência, Saúde e Espiritualidade”. Também nos anos 90, ela começou a atuar na prefeitura do Paulista, município na Região Metropolitana do Recife, onde continua trabalhando até então.

Para além do conhecimento, a odontologia também a trouxe amor e vínculos especiais: foi no Mestrado, nos anos 90, que conheceu Mônica Pontes, colega de profissão e amiga há 31 anos. A odontóloga é professora da UPE há pouco mais de 30 anos e, atualmente, ocupa o cargo de pró-reitora administrativa e financeira; Mônica também é mãe, é casada e tem 3 filhos e 2 netos. As duas profissionais dividem, até hoje, uma grande parceria e, segundo Mônica, são conectadas por uma relação de amizade, amor e um imenso carinho. A amiga acompanhou Kattyenne durante todo o processo da adoção dos meninos e lembra das visitas, do período da preparação do futuro quarto e até da compra de roupas e brinquedos.

Na visão de Mônica, “Katty tem uma leitura de vida diferenciada e sempre quer ajudar”, olhar esse que permeia o vínculo das duas, com “amor e apoio para ultrapassar os percalços”. A amizade das duas foi construída pelo alinhamento dos valores, pela troca e pelo aprendizado mútuo. Ao falar sobre a convivência na FOP, Mônica enfatiza que todos gostam e nutrem carinho pela versão professora de Kattyenne, desde seus alunos até os outros colegas do corpo docente e os funcionários e completa: “Todos a admiram e a respeitam, ela é compromissada e se dedica a tudo o que se propõe a fazer”. Em entrevista, Kattyenne revela que, apesar do grande desejo de lecionar, cultivado por uma longa data, sua percepção como professora se transformou após se tornar mãe. Desde então, ela se vê capaz de enxergar os alunos com mais amor, paciência e empatia; afinal, “é como se eles fossem meus filhos, eles poderiam ser”. Katty alega que uma das coisas que a maternidade a trouxe foi um olhar diferenciado para os estudantes e que a fez amadurecer e liberar emoções que costumavam estar mais reservadas enquanto docente.



A família

As maneiras encontradas por Katty para criar e educar os filhos são vistas e tocadas ao longo da vida dela por sua própria mãe, que testemunhou o crescimento e as conquistas que obteve. Janete Kabbaz Asfora, ou apenas dona Janete, é senhora de 85 anos, moradora do Recife. Ela é mãe de Kattyenne, de seu irmão mais velho, Carlos, e da irmã do meio, Elisabeth. Desde os 49 anos, dona Janete viu-se na necessidade de assumir o papel de mãe e pai, após o marido falecer precocemente, aos 56.

E então, mais do que nunca, a mãe de Kattyenne “era a bússola que norteava a família, tomava as rédeas e resolvia as coisas; uma figura de limites amor e proteção”. Entre elas, sempre houve um elo forte e íntegro, que conduziu a educação e o moldou o caráter dos três filhos. Katty diz que dona Janete é sinônimo de amparo, sabedoria e fé, que transmite muitos ensinamentos sobre a vida às gerações mais novas e até às colegas da terceira idade. Apesar disso, para além do exemplo da própria mãe, Kattyenne não tinha uma vasta experiência com crianças; o máximo de contato que teve com a maternidade foi ao acompanhar o crescimento da afilhada, filha de sua irmã, Elisabeth. Desse modo, após Katty e Rotilio receberem a esperada ligação, a falta de experiência causou grandes reflexões sobre o peso que seria receber duas crianças ao mesmo tempo, sensação que ela descreve como a “de ter gêmeos”.

No entanto, quando o casal encontrou as crianças e pôde conversar com elas, qualquer pensamento contraditório se dissipou: “a gente não tinha dúvida alguma; eles eram os nossos filhos”. Naquele momento, entre todos os desafios que passavam pela cabeça dos futuros pais, nada pareceu impossível. “A gente nem pensou que seria um desafio que nós não

poderíamos enfrentar diante daqueles sorrisos e daqueles dois seres que precisavam tanto de uma família e um lar”. Em seguida, as visitas foram realizadas e os vínculos começaram a se formar. A situação era uma novidade para ambos os lados; tanto para o casal, que não estava habituado àquele contato, quando para as crianças, que tiveram a chance de explorar um pouco do que seria aquela nova vida. Na primeira vez que os meninos foram à residência de Katty e Rotilio, se encantaram com a casa e com os cachorros. “Deu trabalho para devolvê-los ao abrigo, eles não queriam voltar”.

A adoção

Um dos delicados aspectos sobre famílias adotivas é sobre a ciência da criança ou adolescente sobre o fato de ter sido adotado. Existem famílias que, ao adotarem crianças menores ou bebês, optam por não os contar, anos depois, que são adotados, ou resolvem esperar um tempo para ter essa conversa. No caso da família de Kattyenne, os meninos já eram capazes de entender, até certo ponto, a mudança que estava prestes a acontecer. João, aos 6 anos, e Mateus, aos 4, moravam em um abrigo e, junto a outras crianças, aguardando que alguma família os adotasse. Logo, o movimento aconteceu de forma diferente.

Durante o processo de adoção, Katty e Rotilio os perguntaram se eles gostariam de ser filhos deles, e, de acordo com ela, “a resposta foi um sim bem forte, sem nem pestanejar”. Dado o momento, todos foram a uma audiência com um juiz –etapa decisiva para a efetuação da adoção– e os meninos foram oficialmente perguntados se gostariam de ter o casal como pais e responderam que sim, um momento descrito por ela como emocionante. E então, o momento já se encaminhava para uma adoção. Não havia mais dúvida, era a vez do casal se preparar para recebê-los; comprar

O BERRO

Apesar dos percalços no caminho, ser mãe, adotiva, em especial, fez Kattyenne crescer e entender mais sobre esse amor; ela diz que a maternidade supera tudo e que o amor está presente em todos os atos e momentos, inclusive nos limites, e foi capaz de aprender isso com seus filhos. O livro "Atendimento Psicanalítico na Adoção", de Cynthia Peiter, Leila Dutra de Paiva e Marcia Regina da Silva, reflete sobre a possibilidade da adoção como cada vez mais próxima e compatível com as pessoas: "a vinculação biológica tem, cada vez mais, deixado de configurar uma condição necessária para a construção de laços simbólicos entre pais e filhos, e as novas composições de famílias têm nos ensinado sobre isso".

As crianças

Ademais, os laços afetivos de Kattyenne com João e Mateus apenas crescem ao longo do tempo. Desde o início, houve uma boa relação e um forte apego entre os meninos e a mãe, como se já se conhecessem há anos.

Atualmente, João e Mateus, aos 14 e 13 anos, respectivamente, estão no início da adolescência, fase de entendimento sobre a própria personalidade, preferências e molde de caráter e comportamentos. Os momentos mais tensos aparecem quando é necessário impor limites; crianças adotadas maiores tendem a ter dificuldade em compreender os reais papéis de pai e mãe, algo novo em comparação à vida que levavam antes da adoção.

A mérito de personalidades, a mãe costuma dizer que, apesar de irmãos biológicos, os dois meninos são muito diferentes, e completa: "eles são muito carinhosos, alegres, mas cada um tem o seu temperamento". Mateus, o mais novo, é mais firme, "durão", o que requer uma atenção maior com as palavras ao dialogar. Já o mais velho, João, é mais sensível, "derretido". Cada

um deles possui a própria maneira de se expressar e de demonstrar os sentimentos.

Ao ouvir Katty falar sobre a história da própria família, prova-se, cada vez mais, a beleza do amor incondicional de uma mãe. Ela é firme em dizer que adoção não é caridade, adoção é amor. O ato de amor da adoção, que ela e o marido escolheram viver, simboliza um voto pela felicidade e dedicação com o outro e, como Kattyenne mesma diz, a escolha é para sempre; é linda e vale a pena. Para futuros pais adotivos, ela deixa um recado: para que busquem pelos grupos de apoio à adoção, que são de fundamental suporte nessa trajetória, pois "é desafiador, mas a colheita é maravilhosa; nunca é tarde para a maternidade".



SEGUNDO KATTYENNE. NUNCA É TARDE PARA SER MÃE



Crianças e adolescentes recebidos por famílias adotivas podem apresentar algumas características que nem sempre estão presentes em casos de famílias com filhos biológicos. A diferença se dá pois é preciso entender que aquele indivíduo, que foi acolhido meses ou anos após o nascimento, já vivia sua própria história antes de chegar no novo lar, o que não acontece com filhos biológicos, que vieram ao mundo no mesmo espaço que vivem no decorrer de seu desenvolvimento. Ademais, a compreensão e a dedicação da família adotiva são um divisor de águas para a boa adaptação daquele pequeno ou jovem na nova casa, que pode se sentir sozinho ou ter dificuldades para se encaixar em uma vida diferente da qual esteve antes. Para esclarecer dúvidas sobre os cuidados necessários no desenvolvimento de crianças e adolescentes

que foram adotados, a reportagem entrou em contato com a psicoterapeuta Suzana Schettini, Mestre em Psicologia Clínica na área da família e interações sociais, diretora técnica da Associação Pernambucana de Grupos de Apoio à Adoção (APEGA) e vice-presidente da Associação Civil Pró Adoção e Convivência Familiar – Gead Recife. Acompanhe a entrevista e confira as orientações da profissional, que também é mãe por adoção.

Quais as principais demandas de crianças que foram adotadas tardiamente?

Não gosto de dizer que crianças são adotadas maiores foram adotadas “tardiamente”. Se você fala “adoção tardia”, causa a impressão de que é uma adoção que já está atrasada. Na verdade,

é possível adotar uma criança em qualquer faixa etária, entretanto, temos que estar preparados, pois as crianças adotadas maiores vêm com sua história, são pessoas que já viveram e sofreram, elas se constituem no trauma e sentem muito medo, ansiedade e angústia. Essas crianças aprenderam comportamentos que não condizem com a nova vida, o que exige muita paciência e tranquilidade dos pais adotivos nesse “tempo de transição”, que é o tempo de uma história para outra, o momento em que elas vão desaprender comportamentos antigos e aprender novos, o que não é simples e nem rápido. É preciso lembrar que elas não têm culpa dos comportamentos que têm quando elas vêm por adoção, elas os aprenderam em uma outra realidade. Essas crianças desconhecem carinho, afeto, segurança e proteção e, muitas vezes, têm dificuldades de receber esses sentimentos porque não têm noção do que é uma família estruturada. O que também acontece é que estas crianças, normalmente, têm uma regressão psicológica devido à falta de estímulos na primeira infância. Há crianças de dez anos se comportando como crianças de cinco, já que elas não foram adequadamente estimuladas no início da vida. Quando são adotadas, há uma tendência que elas tenham uma necessidade de viver experiências que não tiveram, fazendo birra, se comportando como uma criança menor.

Qual a importância de cuidar da saúde mental dessas crianças e adolescentes? E da família?

Essas crianças têm que passar por um profissional que tenha um entendimento do processo adotivo, pois elas não seguem a linha do desenvolvimento como outras crianças, que nascem e crescem numa mesma família. É muito importante cuidar da saúde mental para que elas possam se adaptar melhor.



Imagine uma criança que sempre tem medo, ansiedade e angústia; o cérebro dela está sempre preparado para atacar ou para defender-se, então, são muito reativas, impulsivas, não conseguem autorregular-se. E sobre a família, recomenda-se sempre que, antes de adotar, que estes pais façam os seus trabalhos pessoais; trabalhem lutos, suas questões internas antes da chegada dos filhos. Atualmente, nós temos os grupos de apoio à adoção, como o Gead Recife, que nós oferecemos um apoio no pós-adoção. Temos o Napa, né, que é o Núcleo de Apoio no Pós-Adoção, onde temos profissionais da psicologia para orientar os pais. Também temos reuniões mensais, onde os pais se encontram, apoiados por um psicólogo, e orientamos os pais nessas dificuldades do começo.

Que atitudes contribuem ou atrapalham o desenvolvimento de crianças adotadas maiores?

A criança precisa que os pais adotivos reconheçam a importância da história de vida

O BERRO

delas. Tipo assim, a criança tem genitores que não conseguiram cuidar delas e protegê-las por alguma razão. A forma como nos referimos a essa família biológica é sempre no sentido de que eles não conseguiram educá-los, mas eles fizeram uma coisa muito importante, deram a vida a essas crianças. Então, é o reconhecimento da geração da vida e a criança precisa perceber que os pais adotivos reconhecem essa importância. Jamais podemos desqualificar a família biológica, por pior que ela seja. A criança não suporta isso. Quem de nós aguenta? E sobre o motivo da adoção, às vezes, eles perguntam: "Por que que a minha mãe não me quis?" Na verdade, ela não conseguiu, não pôde. Muitas vezes, são famílias que também foram abandonadas. Os pais adotivos também não devem ser impacientes, rígidos, apressados demais com os novos aprendizados; a falta de empatia e de respeito atrapalham demais. É preciso acolher a criança, evitar criticar demais e educar com carinho, ternura e calma. Se for preciso dar limites, dê limites com firmeza, nunca com grosseria. Elas precisam de muito estímulo, de elogios pelas pequenas conquistas.



Você enxerga ausência de apoio para as famílias por parte do Sistema Nacional de Adoção (SNA)?

O Sistema Nacional de Adoção foi criado para conectar, juntar, aproximar pretendentes e crianças. Temos os pretendentes e as crianças disponíveis, então, é possibilitar, agilizar este encontro. Já o pós-adoção precisa ser feito de outra forma; no Brasil, nós temos em torno de 230 grupos de apoio à adoção e os adotantes podem entrar em contato com esses grupos. Em Pernambuco, nós temos 12 atualmente, que podem ser contados para esse apoio. Nós também temos muita literatura que os pais adotivos podem utilizar. Temos muitas páginas nas redes sociais de profissionais que trabalham adoção e oferecem um conteúdo muito importante e útil para esses pais adotivos. O preparo para adoção tem que ser algo contínuo, forma consistente, consciente e constante. Então, é necessário que os pretendentes consolidem e fortaleçam esse preparo ao longo de todo o tempo que eles estão esperando. Quanto mais preparados eles tiverem, mais condições eles terão de enfrentar os desafios do pós-adoção.

“NÃO ROMANTIZEM O AUTISMO” -
A JORNADA DE *Lucyia* COM DAVI





”**F**u precisei me resignificar como mãe, como mulher e como profissional após o diagnóstico de autismo do meu filho”. Com essas palavras, Luzia Lira resume a profunda transformação de sua vida após descobrir que Davi, seu filho mais novo de 10 anos, era autista nível 3. Esta revelação não foi apenas um marco em sua trajetória pessoal, mas um ponto de mudança de rota que redefiniu suas prioridades, suas lutas e sua compreensão sobre o amor e a resiliência. Luzia Adriana Melo Buarque Lira, com sua formação em Pedagogia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e pós-graduação em Psicopedagogia pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX), já possuía uma base sólida de conhecimento sobre desenvolvimento infantil e educação. No entanto, a teoria se mostrou insuficiente diante da complexidade da realidade do autismo nível 3, exigindo dela uma reinvenção constante. Hoje, ela divide sua vida com a filha mais velha, Aleanna Lira, de 23 anos, e o filho Davi, cuja necessidade de suporte substancial passa por todas as áreas do cotidiano familiar. A dedicação de Luzia a Davi é um testemunho de amor incondicional e de uma força interior que muitas vezes é testada ao limite.



O autismo nível 3, a forma mais severa do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um diagnóstico que implica a necessidade de um suporte muito substancial nas atividades diárias e interações sociais. Caracteriza-se por déficits graves na comunicação verbal e não verbal, interação social limitada e a presença de comportamentos restritivos e repetitivos que podem impactar significativamente a autonomia e o funcionamento independente do indivíduo. Para Davi, essa realidade é ainda mais desafiadora: ele é não-falante, o que dificulta enormemente a expressão de suas necessidades e sentimentos, e vive com múltiplas comorbidades. Entre elas, destaca-se uma seletividade alimentar severa, que restringe sua dieta a pouquíssimos alimentos, e alergias a diversos ingredientes, tornando a alimentação

O BERRO

um misto de preocupações. Além disso, Davi enfrenta intensos desafios sensoriais, onde estímulos aparentemente banais como barulhos altos, luzes intensas, cheiros específicos ou até mesmo pequenas variações de temperatura podem desencadear crises de sobrecarga sensorial, manifestadas por angústia, irritabilidade ou comportamentos autoestimulantes.

Luzia recorda que a descoberta da condição de Davi, aos 1 ano e 11 meses, transformou radicalmente a dinâmica familiar. “Foram dias bem complicados, não só porque Davi recebeu um diagnóstico de autismo, mas porque a gente tem que fazer uma mudança geral dentro da família, de vida e uma mudança interior”, relata. Essa mudança não se limitou a ajustes práticos, mas exigiu uma profunda reavaliação de suas próprias expectativas e sonhos. “Existem questões que eu poderia fazer e hoje eu não posso mais porque não só depende de mim. Poder sair, poder resolver alguma coisa, não, tudo tem que ser pensado em torno de Davi.” A espontaneidade da vida cedeu lugar a um planejamento muito detalhado, onde cada passo é calculado para garantir o bem-estar e a segurança de Davi. A liberdade individual de Luzia foi, em grande parte, sacrificada em prol das necessidades do filho, uma realidade que muitas mães atípicas enfrentam silenciosamente.



A solidão que se seguiu ao diagnóstico intensificou o peso da situação. “Sou mãe solo e a separação aconteceu perto do diagnóstico, então o peso aumentou. Além de Davi, cuido de Aleanna, e a rotina inteira ficou nas minhas mãos: terapias, cuidados e decisões”, desabafa Luzia. Ser mãe solo de uma criança com autismo nível 3 significa uma carga física e emocional avassaladora. A administração da agenda de Davi é um trabalho em tempo integral, que inclui sessões de terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia e consultas médicas regulares (em casa), especialmente devido às suas alergias e seletividade alimentar. Cada dia é uma maratona de compromissos e cuidados, onde o tempo para si mesma é um luxo raro.

Um dos aspectos mais dolorosos para Luzia é a constante comparação que a sociedade faz entre crianças autistas, ignorando a vasta diversidade do espectro. “O que mais machuca nisso tudo é a comparação: colocam crianças de nível 3 lado a lado como se fossem iguais, ignorando que cada corpo e cada mente funcionam de forma diferente”, lamenta. Essa comparação, muitas vezes bem-intencionada, mas mal-informada, gera frustração e culpa. Quando Luzia não via em Davi os avanços que outras mães relatavam em seus filhos, ela escolheu um caminho de empoderamento: “escolhi estudar, perguntar, checar e insistir.

O BERRO

Não dá para depender apenas da receita do consultório, eu preciso ver o que se encaixa no meu filho". Ela critica veementemente as "receitas prontas" e os conselhos padronizados que, por melhor intenção que tenham, "muitas vezes atrapalham, porque desautorizam a mãe e desorganizam o emocional. É caminhar, muitas vezes, na contramão da sociedade". A individualidade de Davi é o que guia Luzia, e ela defende a necessidade de abordagens personalizadas que respeitem as particularidades de cada criança no espectro.

A rotina de Davi, longe de ser rígida e padronizada, é construída com uma flexibilidade e atenção aos detalhes que refletem a profunda compreensão de Luzia sobre as necessidades do filho. "A nossa rotina existe, mas não é padronizada. Primeiro observei quem é Davi: o que ele tolera, o que desgasta, como regula. Depois, fui inserindo hábitos possíveis", explica. Essa abordagem empática permite que momentos cotidianos, como a escovação dos dentes, sejam adaptados para minimizar o estresse sensorial. Há dias em que a escovação acontece no banho, onde a água corrente proporciona um efeito relaxante, e em outros, na pia, quando Davi está mais calmo. Para Luzia, essa adaptação não é um problema, mas uma solução inteligente e amorosa, de cuidado com o filho.

Outros desafios sensoriais se manifestam em atividades simples para a maioria das pessoas. Cortar o cabelo, por exemplo, pode ser uma experiência traumática para Davi devido ao barulho da máquina, ao medo da tesoura e à sensibilidade do toque no couro cabeludo, tudo isso com potencial para desencadear uma crise. O banho, outro momento crucial do dia, exige um planejamento detalhado, desde a temperatura da água até a garantia de um ambiente silencioso e calmo. Dada a variabilidade do humor e comportamento de



Davi, Luzia procura introduzir pequenas mudanças propositais na rotina, como alterar o horário da saída para a terapia, com o objetivo de ajudar Davi a desenvolver a capacidade de lidar com imprevistos e a flexibilidade cognitiva. Ela também refuta categoricamente a ideia de que comportamentos difíceis de crianças autistas sejam meras "birras" ou manipulação. "Muitas vezes é sofrimento, é o corpo pedindo ajuda", desabafa, sublinhando a necessidade de uma compreensão mais profunda e empática das manifestações do autismo.

Além dos desafios intrínsecos à rotina de Davi, Luzia enfrenta diariamente a incompreensão e o julgamento social. "Sempre somos julgadas, porque as pessoas comparam e acham que a gente não faz como deveria", afirma. Ela relata episódios dolorosos, como o comentário: "Leva teu filho, porque o filho de fulano que é autista adora festas e usa abafador". Luzia, no entanto, conhece profundamente o perfil de seu filho e sabe que aquele ambiente cheio de som, luzes e gente seria uma sobrecarga sensorial insuportável para Davi. Esse tipo de comparação não apenas desconsidera a

O BERRO

individualidade de Davi, mas também gera exclusão para ele e para Luzia como mãe atípica. “Muitas vezes nem me convidam mais, porque dizem: ‘Tu tens Davi’. Mas eu continuo sendo uma mulher, uma mãe, e gostaria de ser lembrada.” A invisibilidade e o isolamento social são realidades amargas para muitas famílias atípicas.

Luzia também critica a intolerância em relação a terapias alternativas e defende uma abordagem integrativa e holística. “Não sigo um molde pronto. O ser humano é um todo: biológico, emocional, espiritual. Isso não é aceito por todos, mas é o caminho que funciona para nós.”

Essa visão abrangente reconhece que o bem-estar de Davi não pode ser compartimentado, e que diferentes abordagens podem complementar-se para promover seu desenvolvimento integral. A busca por soluções que realmente se encaixem nas necessidades de Davi, mesmo que fora dos padrões convencionais, é uma constante em sua vida.

Atualmente, Davi não frequenta a escola regular, uma decisão consciente e ponderada de Luzia. Ela é enfática ao afirmar que essa ausência não é por falta de vontade, mas por um cuidado extremo com o bem-estar e a segurança do filho. “Prezo pelo conforto e pela segurança dele. Uma sala cheia, com vinte ou trinta alunos, barulho, movimento, não seria saudável”, explica. Para uma criança com autismo nível 3 e alta sensibilidade sensorial, um ambiente escolar típico pode ser esmagador e complicado.

Em vez disso, Davi participa de terapias integrativas que incorporam um caráter educacional, respeitando seu ritmo e suas particularidades. “Davi ainda usa fralda, tem dificuldade de vínculo e precisa de acompanhamento constante. Isso não se

encontra numa escola regular. Ele precisa de construção gradativa.”

Como mãe solo, com pouco apoio formal, Luzia se mantém firme em sua convicção, valorizando a individualidade do filho e resistindo às pressões externas. “Não sigo modinhas. Sigo o que é funcional e edificante para o meu filho. E nunca digo nunca: crianças autistas surpreendem. Hoje ele já consegue ficar em locais com outras crianças, observa, sorri e às vezes se aproxima. É uma caminhada lenta, mas real.” Essa perspectiva otimista, mas realista, é um pilar em sua jornada, celebrando cada pequena conquista como um grande avanço.

Como mãe solo, com pouco apoio formal, Luzia se mantém firme em sua convicção, valorizando a individualidade do filho e resistindo às pressões externas. “Não sigo modinhas. Sigo o que é funcional e edificante para o meu filho. E nunca digo nunca: crianças autistas surpreendem. Hoje ele já consegue ficar em locais com outras crianças, observa, sorri e às vezes se aproxima. É uma caminhada lenta, mas real.” Essa perspectiva otimista, mas realista, é um pilar em sua jornada, celebrando cada pequena conquista como um grande avanço.

Apesar de todas as dificuldades e desafios enfrentados diariamente, Luzia faz questão de transmitir uma mensagem de esperança e resiliência para outras mães atípicas. “Eu queria deixar essa frase que eu mesma gostaria de escutar todos os dias: Não desistam. Persistam, mesmo quando a exaustão bater”, aconselha. Ela enfatiza a importância do conhecimento, mas também da troca de experiências e do apoio mútuo entre mães que compartilham realidades semelhantes. “Uma ideia de outra mãe pode virar um caminho para você. É essa rede que nos sustenta”, defende, ressaltando o valor inestimável da comunidade e da solidariedade.

O BERRO

Além disso, Luzia reforça a necessidade vital do autocuidado, não como um luxo, mas como uma estratégia essencial para a persistência e a luta contínua. “Se a gente adocece, como eles ficam? Precisamos cuidar do emocional, do físico e do espiritual.” O autocuidado é a base que permite a essas mães manterem-se fortes e presentes para seus filhos. Ela conclui sua mensagem lembrando que o autismo não é uma doença e, portanto, não tem cura, mas que oferece possibilidades de evolução e desenvolvimento quando os sintomas são abordados de maneira adequada e individualizada. “Cada criança é única, com limites e potências. Celebrar cada avanço é essencial. Acreditar no desenvolvimento é o que nos move.”

A história de vida de Luzia é um poderoso testemunho de que ser mãe atípica é, ao mesmo tempo, uma fonte de dor profunda e um catalisador para a reinvenção pessoal. Como mulher, psicopedagoga e mãe solo, ela demonstrou uma capacidade notável de adaptar as rotas de sua vida diante das exigências complexas do autismo nível 3 de Davi.

Em meio a julgamentos, comparações injustas e a dolorosa exclusão social, o que prevalece para Luzia e sua filha Aleanna é uma força inabalável, a recusa em desistir e a forte crença no desenvolvimento possível. Sua mensagem central ressoa com clareza e urgência: não deve haver romantização quando se fala em autismo.

Em vez disso, é fundamental reconhecer as realidades diversas e complexas que o autismo apresenta, e abordá-las com empatia, conhecimento aprofundado e um acolhimento genuíno. “Autismo não se romantiza. Cada um é único e precisa de compreensão e de respeito”, finaliza Luzia, deixando uma mensagem não apenas para as mães, mas para toda a sociedade, um apelo por uma visão mais

humana e informada sobre o Transtorno do Espectro Autista. A jornada de Luzia e Davi é um lembrete claro de que o amor, a persistência e a aceitação são as ferramentas mais poderosas para navegar pelos desafios do autismo, transformando obstáculos em caminhos de crescimento e aprendizado contínuos.



A HISTÓRIA DE UMA IRMÃ DE UMA CRIANÇA AUTISTA NÍVEL 3



“É bem desafiador. Eu acho que essa é a melhor forma de descrever essa experiência.” Com essas palavras, Aleanna Lira, ou simplesmente Alê, resume uma rotina marcada por resiliência e sobrecarga. Diagnosticada com autismo nível 1 de suporte, ela lida com suas próprias demandas enquanto convive com a realidade de seu irmão Davi, de 10 anos, autista nível 3, que necessita de apoio em todos os aspectos de sua vida. Essa dupla vivência de Alê evidencia a diversidade do espectro, mostrando como diferentes intensidades de suporte transformam o cotidiano de uma família e a complexidade de suas interações.

Com 23 anos, Alê reforça que sua condição atual não é sinônimo de ausência de dificuldades. “É nível 1, não nível 0. Para você ser diagnosticado, estando no espectro autista, você precisa, sim, ter necessidade de suporte para alguma coisa, então, sim, eu tenho as minhas limitações”, afirma. O autismo nível 1 é caracterizado como o grau mais leve do espectro,

mesmo assim, indivíduos diagnosticados enfrentam diversas dificuldades no dia a dia, e precisam de um determinado apoio para viverem.

O desejo pela maternidade sempre esteve presente nas vivências de Katty e, ao se deparar com a opção da adoção, mergulhou a fundo no novo universo, até então desconhecido pelo casal, para aprender sobre o caminho para a nova possibilidade. O caminho para adotar uma criança ou adolescente no Brasil pode até parecer simples e rápido de ser realizado, mas não é, apesar do grande número de crianças abrigadas;

Enquanto em atividades consideradas mais simples, como escovar os dentes, Alê enfrenta uma dificuldade extrema em se manter regular devido ao incômodo com a textura da escova, em outras áreas o autismo pode aparecer como

O BERRO

uma potência. O hiperfoco, característica comum em pessoas do nível 1 do espectro, permite que ela desenvolva uma grande profundidade em temas específicos. No caso de Alê, o foco intenso recai sobre Pokémon e os consoles da Nintendo, paixão que a fez saber de tudo sobre a empresa japonesa e seus jogos eletrônicos.

Mas, como explica, essa mesma intensidade contrasta com a exaustão de performar socialmente para se encaixar em grupos ou ambientes. “Nós, autistas níveis 1, aprendemos ao longo da vida a performar. E isso pode parecer um pouco triste, mas é a realidade”, explica. Ela detalha o custo emocional dessa performance: “Quando a gente chega em casa depois de performar o máximo, estamos acabados e às vezes precisamos de algumas semanas para nos recuperar por completo da exaustão de situações como essas, pois isso pesa no nosso emocional e no nosso sensorial”, relata.

Apesar dessas dificuldades e da sobrecarga constante, Alê vem construindo sua vida profissional. É formada em Relações Internacionais, atualmente cursa Teologia, e já se prepara para ingressar em um mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da UFPB. Aos 23 anos, ela busca equilibrar sua carreira acadêmica com a atenção constante com o seu irmão Davi.

Desafios e aprendizados no cuidado com Davi

A rotina de Alê se divide entre lidar com as suas próprias demandas como autista nível 1 e o cuidado diário com o seu irmão Davi, de 10 anos, diagnosticado com autismo nível 3 e ainda não-falante. Enquanto para ela tarefas mais

simples podem demandar um certo esforço, para Davi a dependência é completa. “Meu irmão tem essa dependência muito alta. Ele depende de mim e da minha mãe, que somos as pessoas que cuidam dele, para tudo. E em muitos aspectos eu me sinto muito sobrecarregada, é inevitável, porque demanda muito de mim”, conta Alê.



Apesar da sobrecarga emocional, Alê reconhece que a vivência com Davi lhe trouxe grandes aprendizados. “Eu diria que os principais aprendizados foram a questão da paciência, da resiliência e o fato de não comparar. O contexto que eu vivo é muito diferente de outras pessoas da minha idade. Isso é inegável, eu vejo isso em todas as minhas relações. Todos os meus compromissos eu

O BERRO

tenho que levar em conta o meu irmão, e a rotina da minha mãe, pois Davi precisa ficar comigo se ela sair, e ele precisa ficar com ela se eu fosse sair”. Essa realidade molda profundamente suas escolhas e sua percepção de mundo.



Na sua história com Davi, o olhar externo de outras pessoas também incomoda Alê, que conta que já presenciou momentos desagradáveis enquanto estava com o seu irmão. “São muitas opiniões não solicitadas. O que mais dói é quando vem de pessoas próximas. Parece que ignoram completamente a nossa realidade”, desabafa. Além disso, a falta de compreensão a leva a sentir-se sozinha nesse aspecto. “A sensação que eu tenho é de

uma certa solidão, porque no fim das contas só eu e minha mãe sabemos como é na prática.”

O futuro de Davi é uma preocupação profunda na vida de Alê. Para ela, é impossível não pensar em como o seu irmão ficará quando ela e sua mãe não puderem mais cuidar dele. Com uma honestidade tocante, ela compartilha a angústia: “É inevitável. E quando eu morrer, como é que vai ser? É impossível a gente não pensar nisso, porque vai acontecer um dia. Às vezes, nós que cuidamos de pessoas com maior necessidade de suporte, desejamos que esse familiar se vá antes de nós, para que não sofra”. Essa declaração sublinha a profundidade do amor e do sacrifício envolvidos no cuidado.

Um apelo à empatia e apoio

“De forma geral, seja empático. E empatia não é só no dia 2 de abril, dizer que respeita autistas nesse dia é muito superficial, porque o respeito verdadeiro ele é no dia a dia. A sobrecarga é real, tanto em pessoas autistas como em quem cuida de pessoas atípicas. Então, escute, seja aberto e se disponha, seja apoio para quem precisa de apoio”. Com esse relato, Alê deixa um forte recado que mostra a realidade de pessoas que cuidam de autistas no nível 3, uma situação extremamente delicada e difícil de lidar. Aleanna Lira, com sua própria vivência e dedicação, vem conseguindo administrar essa complexidade da forma que consegue, inspirando a todos.

A HISTÓRIA DE *Maria José* EM GESTOS DE CUIDADO





De Recife a São Lourenço da Mata, o caminho se fez em companhia de Luís Ernesto, neto de Maria José. A viagem, breve no mapa, prolongava-se em expectativa até que o portão se abriu. Do lado de dentro, a varanda já revelava sinais de quem ali morava: flores em diferentes tons, plantas que subiam pelas paredes, bancos de ferro dispostos à sombra. O espaço parecia oferecer, antes mesmo das palavras, uma forma de acolhida.

Dentro da casa, molduras preenchiam as paredes. Fotografias antigas se misturavam a registros recentes, e um rádio, presenteado pelo neto, repousava pela entrada da sala de estar. Naquele fim de manhã, Maria José Pereira da Silva, 81, me recebeu com um sorriso discreto e o almoço posto à mesa. A simplicidade do gesto dizia muito sobre o que se seguiria: uma vida erguida sobre o cuidado.

Nascida no Recife em 26 de março de 1944, Maria José mudou-se ainda criança para São Lourenço da Mata, cidade que nunca deixou. Filha de uma família numerosa, cresceu em meio às limitações impostas pela pobreza e pelo trabalho precoce. O estudo esteve presente apenas de forma intermitente, interrompido pela necessidade de contribuir com a renda familiar. “A minha infância foi difícil em relação a estudar. Não dava tempo, porque eu trabalhava. Com sete anos eu já estava trabalhando”, recorda, em tom sereno.

As dificuldades, porém, não apagaram as imagens de uma infância livre: “Correr descalço, correr pelo mato, descer ladeira, tomar banho de riacho... isso era muito bom. Porque a gente não sabia de nada, não sabia que a mãe estava preocupada em dar comida, se tinha ou se não tinha. Mas era bom. Tudo foi válido. Até hoje tô aqui.”

Os anos de escola foram curtos, mas as tarefas diárias se prolongaram; a responsabilidade veio cedo demais, mas junto dela havia também a alegria das descobertas simples. É desse contraste que começa a se delinear a mulher que, ao longo dos anos,



O BERRO

transformaria a escassez em disciplina e o cotidiano em legado.

Primeiros contornos do afeto

Na juventude, Maria José dividia o tempo entre estudos interrompidos e trabalhos em casas de família. Foi na padaria do bairro, onde ajudava diariamente, que conheceu aquele que se tornaria seu companheiro. Entre o movimento dos fregueses e o cheiro de pão recém-assado, notava sempre o mesmo rapaz que passava e a observava com atenção. O gesto se repetia até que, numa Sexta-feira Santa, a aproximação se tornou inevitável: foram ao cinema assistir a “O Milagre” e, a partir daquela noite, iniciaram um relacionamento que se estenderia por décadas. “Foi bom, foi um namoro bom. Porque eu era apaixonada. A gente casou, tivemos nossas brigas, nossas queixas, mas tudo valeu a pena. Eu faria tudo de novo.”

O casamento trouxe novas responsabilidades para as quais não estava inteiramente preparada. Acostumada desde cedo ao trabalho fora de casa, não dominava as tarefas domésticas. A mãe foi quem lhe ensinou a cozinhar, a organizar a rotina do lar e a lidar com as exigências que se impunham no dia a dia. “Eu não sabia nem fazer comida, porque trabalhava fora, e era minha mãe quem fazia. Ela me ensinou. E segurei a barra”, lembra.

Da união nasceram quatro filhos. Criá-los exigiu dedicação contínua em um cotidiano de recursos limitados, mas também fortaleceu a parceria com o marido. O matrimônio, que ela recorda com orgulho ao mencionar os 44 anos e seis meses de duração, foi construído em meio ao trabalho incessante, às responsabilidades compartilhadas e às pequenas alegrias que se renovavam no convívio diário. Algumas lembranças resistem ao tempo com nitidez: o marido no ponto de ônibus, a perna apoiada no

banco, o cigarro entre os dedos, o perfume Miss France que preenchia o ar. “Nunca vou esquecer.”



Entre os episódios que guarda com mais carinho estão as Bodas de Prata. Ao completarem vinte e cinco anos de união, decidiram casar-se na igreja, reafirmando o compromisso que antes havia sido selado apenas no civil. “Foi o momento mais emocionante para mim: entrar na igreja e ver meu marido me esperando para casar comigo depois de 25 anos, com o mesmo amor.”

A juventude, assim, deixou de ser apenas tempo de descobertas para se tornar também tempo de fundação: foi quando Maria José ergueu, ao lado do marido, a base de tudo o que viria depois.

Entre tarefas e silêncios

Com a chegada dos filhos, a vida de Maria José ganhou novos contornos. Jovem, ainda aprendendo os códigos da vida conjugal, viu-se diante da responsabilidade de educar quatro crianças em meio a uma rotina exigente. A maternidade, como ela mesma recorda, foi aprendizado diário, guiado muitas vezes pelos conselhos da mãe. “Não foi fácil, viu? Foi difícil, porque eu não sabia de nada de casamento. Mas com o tempo aprendi. Minha mãe me ensinava.”

Enquanto os filhos cresciam, o trabalho se multiplicava. Em 1965, casal abriu um pequeno bar em um abrigo de parada de ônibus, espaço de movimento constante na cidade. Mais tarde, com a demolição do local, receberam outra loja e ali instalaram uma lanchonete. O comércio garantia a renda necessária e mantinha a família em contato direto com a comunidade.

Maria José dividia-se entre múltiplas responsabilidades, sempre atenta ao que era necessário em casa e no trabalho.

O esforço constante se reflete na maneira como descreve sua rotina:

“Foi uma luta, porque eu cuidava do bar, cuidava dos meninos, das roupinhas, deles irem para o colégio tudo arrumadinho e limpinho. Cuidava da casa, que eu queria tudo em ordem. Trabalhei muito.”

Na memória, não há lamento, mas o registro da dedicação que sustentou cada etapa. O bar, a casa e a escola se entrelaçavam no mesmo esforço, compondo uma rotina que exigia força, mas que também lhe devolvia sentido. O que faltara em sua infância, ela buscava oferecer aos filhos.

O afeto em múltiplos nomes

Ao longo dos anos, Maria José construiu uma rede de laços que ultrapassou os limites da família. Em São Lourenço da Mata, tornou-se presença constante em batizados, convidada por vizinhos e amigos para assumir o papel de madrinha. O número exato já não sabe precisar. “Tenho tanto afilhado que nem sei contar. O pessoal sempre me chamava para batizar os meninos”, diz, rindo da lembrança.

Ser madrinha nunca foi, para ela, uma formalidade. O vínculo se prolonga na vida adulta, em abraços calorosos quando se encontram, em mensagens que chegam de longe. “Quando vejo meus afilhados é abraço, é ‘madrinha’ para cá e para lá. Tenho uma que mora nos Estados Unidos, manda muita mensagem para mim. Tenho uns três em São Paulo. É muito, mas é bom.”

Esse círculo afetivo fez com que sua casa se tornasse ponto de referência. Filhos, netos, afilhados e vizinhos encontravam ali acolhimento e orientação. Cada gesto, cada



O BERRO

conselho, reforçava sua condição de guardiã de valores compartilhados pela comunidade.

Na história de Maria José, a rede de afeto ocupa lugar essencial. O cuidado que dedicou aos filhos estendeu-se para muitos outros, multiplicando-se em diferentes trajetórias. E foi nesse alargamento dos vínculos que se consolidou sua presença, reconhecida não apenas dentro de casa, mas em todo o entorno que a rodeia.

A lição das pequenas coisas

Criar quatro filhos em meio a tantas exigências foi uma tarefa de resistência. Maria José fazia questão de que cada detalhe fosse cuidado: roupas alinhadas, lanche preparado, casa em ordem. Mas havia, sobretudo, uma convicção que atravessava sua rotina: a de que o estudo seria a herança mais valiosa que poderia deixar. “Os meus filhos eu consegui botar para estudar, mas eu e minha família estudamos muito pouco, trabalhamos muito”, observa.

Cada um seguiu caminhos distintos. Éden concluiu a formação superior; Manno construiu a própria clientela em seu salão; Everaldo abriu uma loja; Evandro conciliava noites de estudo com o trabalho, aproveitando cada oportunidade de aprender. Maria José se recorda das madrugadas em que o encontrava com os livros espalhados sobre a mesa.

Essas cenas, aparentemente corriqueiras, são para ela as mais significativas. O valor estava nos detalhes do dia a dia, que transformavam a rotina em demonstrações de afeto e responsabilidade. “Criei meus filhos com muito amor, muito amor mesmo. Aquilo que eu não tive quando era criança, eu dei para meus meninos de sobra”, resume.

Ao olhar para a vida adulta dos filhos, encontra

motivo de satisfação. Mais do que títulos ou bens, reconhece neles a honestidade, o respeito e a dedicação ao trabalho. “Educação, amor e estudo. Para conseguir alguma coisa tem que estudar. O estudo em primeiro lugar. Ser honesto, ser educado, amar as pessoas e estudar.”



Hoje, cercada pelos filhos e pelos netos, Maria José vê a confirmação de que seus esforços se transformaram em permanência. O que transmitiu nos detalhes cotidianos tornou-se marca na vida da família.

Hoje, cercada pelos filhos e pelos netos, Maria José vê a confirmação de que seus esforços se transformaram em permanência. O que transmitiu nos detalhes cotidianos tornou-se marca na vida da família.

A infância outra vez

Na relação com os netos, Maria José encontrou uma experiência diferente daquela vivida com os filhos. Maria Clara, Luiza, Bruna e Luís Ernesto. O tempo, antes consumido pelas longas jornadas de trabalho, passou a lhe oferecer uma presença mais tranquila. “Com eles eu não tinha tempo de brincar, de levar para passear, porque tinha que correr para trabalhar. Já com os netos tive tempo de sentar no chão, botar na cama e contar histórias para dormir.”

A maturidade lhe permitiu viver os pequenos rituais da infância com calma: acompanhar brincadeiras, participar de confidências, narrar histórias antes do sono. Os netos se tornaram uma extensão direta do afeto cultivado ao longo da vida, e cada convivência era também uma oportunidade de reviver gestos que, no passado, precisaram ser apressados.

Maria José conserva hábitos que marcaram a criação dos filhos e os repete com os netos. Na convivência, Maria José não apenas reviveu a maternidade: reinventou-a.



Com eles, teve tempo de oferecer aquilo que o trabalho antes lhe roubava – presença constante, disponibilidade, escuta. E, ao fazê-lo, reafirmou a centralidade do afeto em sua vida.

Palavras que permanecem

Se a infância lhe foi marcada pela escassez, a vida adulta foi dedicada a transmitir aos filhos e netos aquilo que considerava essencial. Maria José insiste na importância do estudo, repete que a honestidade deve acompanhar cada escolha e que a educação, no sentido mais amplo, é caminho que sustenta qualquer trajetória.

“Para conseguir alguma coisa tem que estudar. O estudo em primeiro lugar. Ser honesto, ser educado, amar as pessoas e estudar. Ser uma pessoa educada é muito bom”, afirma.

Na comunidade, esse mesmo cuidado se refletia nos vínculos com afilhados, vizinhos e amigos.

A todos, Maria José oferecia conselhos e acolhida, reforçando o que sempre acreditou: que o respeito ao próximo e o esforço no estudo são a base para se construir uma vida digna.

O que permanece em sua história não é apenas o trabalho ou o sustento material, mas a solidez dos valores que conseguiu compartilhar. Nos filhos, nos netos, nos afilhados, ela reconhece sinais de que sua voz encontrou eco e continua a se repetir em novas gerações.

O que permanece em sua história não é apenas o trabalho ou o sustento material, mas a solidez dos valores que conseguiu compartilhar.

Nos filhos, nos netos, nos afilhados, ela reconhece sinais de que sua voz encontrou eco e continua a se repetir em novas gerações.

Um pedaço de si em cada um

Quando o assunto chega à maternidade, a voz de Maria José se altera. As palavras são interrompidas por pausas longas, como se cada lembrança exigisse fôlego. Os olhos marejam antes mesmo da frase se completar. “Ser mãe é tudo de bom. Ser mãe é ter um pedacinho da gente em cada um deles”, diz, deixando escapar a emoção que lhe atravessa.

A maternidade, para ela, se revela em pequenas demonstrações de cuidado, quase sempre invisíveis, mas que deram forma à vida dos filhos. É nesse cotidiano silencioso que encontra o sentido maior de sua trajetória. “Para mim, ser mãe foi a melhor coisa que Deus me deu. Eu agradeço muito pelos meus filhos. Ser mãe é maravilhoso. É como Deus dá uma pedrinha para a gente lapidar e transformar em alguém na vida.”

O papel de mãe não termina com a infância dos filhos. Ele se estende ao longo dos anos, reaparece na convivência com os netos, alcança afilhados e vizinhos. Ser mãe, para Maria José, é permanecer atenta mesmo quando já não se espera mais cuidado.

Ao longo das décadas, esse modo de estar presente transformou-se em herança afetiva. Filhos, netos e afilhados reconhecem em Maria José uma referência que ultrapassa o sustento material e se inscreve na memória familiar como gesto de continuidade. Sua história mostra que a maternidade também é permanência, um fio que atravessa gerações e mantém unidos aqueles que dela recebem o cuidado.

A permanência do cuidado

Ao término da visita, a casa de Maria José permanecia impregnada pelo mesmo silêncio vivo que se percebia no início: o rádio na estante, as fotografias distribuídas pelas paredes, as flores na varanda. Tudo parecia conter um pedaço de sua história, guardado em objetos que resistem ao tempo.

As palavras ditas se mesclavam ao ambiente, como se a própria casa fosse extensão de sua voz. O cuidado estava em cada detalhe, do prato servido à mesa às lembranças alinhadas com rigor. Naquele espaço, a vida de Maria José se revelava não em grandes acontecimentos, mas na soma dos dias, na constância de quem nunca deixou de zelar pelos que a cercam.

Há quem veja no tempo a medida das perdas. Para Maria José, ele se apresenta como permanência. Filhos, netos e afilhados seguem adiante levando consigo marcas de sua presença. O que fica não é apenas a lembrança, mas a forma como aprendeu a existir no cotidiano: atenta, firme, afetuosa.

E, diante dela, é inevitável perguntar: quantas vidas cabem dentro da vida de uma mãe?



LUÍS ERNESTO. NETO QUE ESPELHA O AMOR DA AVÓ



Avó, mãe, melhor amiga, porto seguro. Para Luís Ernesto Pereira, 19 anos, estudante de Jornalismo, Maria José é tudo isso e mais: referência de disciplina e símbolo de afeto que molda caráter. Sua presença na vida do neto vai além dos gestos de cuidado imediato. Estava na rotina – as caminhadas até a escola, a mesa sempre posta, a casa aberta para familiares e colegas. Em detalhes como esses, foi transmitindo valores e ensinando que a vida também se constrói no dia a dia. Ao lado da filha Éden, dividiu responsabilidades e se fez parte essencial da educação de Ernesto, deixando marcas que ele ainda hoje reconhece em sua maneira de estar no mundo.

Enquanto a mãe se dedicava ao trabalho, Maria José assumia de perto os momentos mais delicados do dia: acompanhava o neto até a escola, observava suas tarefas e fazia da constância um modo de educar. Foi nesse contexto que surgiram também os primeiros desafios.

Ainda pequeno, Ernesto teve dificuldades para aprender a ler. A possibilidade de repetir o ano chegou a ser cogitada, e a mãe pensou em retirá-lo da escola. A decisão mudou quando a diretora se dispôs a ensiná-lo pessoalmente. Coube a Maria José a tarefa de garantir que o acordo fosse cumprido: todos os dias, conduzia o neto no turno extra e acompanhava, passo a passo, a evolução do aprendizado.

“Eu lembro que tinha uns cinco ou seis anos. Minha avó me pegava aqui de casa, me levava para a escola, depois eu voltava, almoçava e tinha que retornar. Eu não entendia por que tinha que voltar, mas era porque a diretora me ensinava a ler. Muito do que aprendi sobre estudo oi por causa da perseverança da minha avó”, recorda.

A superação daquela dificuldade escolar acabou se tornando também uma lição de



persistência. O esforço diário, dividido entre gerações, consolidou em Ernesto a ideia de que a educação exige disciplina, mas também dedicação compartilhada. E, ao lembrar desse período, ele reconhece que grande parte de sua relação com o estudo nasceu da presença constante de sua avó.

Houve um tempo em que a casa de São Lourenço abrigava apenas dois moradores: Maria José e o neto. Édén, mãe de Ernesto, trabalhava no Recife ao lado da filha mais velha, e por isso não estava presente no cotidiano. Os tios já haviam seguido seus caminhos, e, nesse cenário, a vida de Ernesto se alinhou à da avó em cada detalhe.

“A lembrança que eu mais tenho dela é que a gente não se desgrudava. Para onde ela ia, eu ia também. E no final do dia, dormíamos na mesma cama”, recorda. O hábito começou como solução para o medo do escuro que Ernesto sentia na infância, mas se prolongou pelos anos seguintes até tornar-se parte da rotina. Deixou de ser proteção e passou a ser demonstração de carinho mútuo, sinal de um vínculo que se fortalecia na convivência diária.

Esse arranjo simples, repetido noite após noite,

guardava a essência da relação entre os dois. Não era feito de grandes acontecimentos, mas da constância de gestos que, ao se acumularem no tempo, transformaram-se em memória afetiva. Para Ernesto, esse período permanece como lembrança viva do que significa ter em alguém o alicerce de sua vida.

A convivência diária com Maria José deixou em Ernesto marcas que ultrapassam as lembranças afetivas. Foi com ela que aprendeu a enxergar a vida pela lente da coletividade, entendendo que o cuidado não se limita ao círculo doméstico, mas se espalha pelos vizinhos, amigos e até desconhecidos.

Maria José sempre teve apreço pela casa arrumada, pela mesa farta e pela hospitalidade. Transformava o lar em espaço de encontro, onde filhos, netos, afilhados e amigos encontravam comida, atenção e uma escuta sempre disponível. Ernesto cresceu imerso nessa lógica de acolhimento, aprendendo que gestos simples podem ressignificar uma vivência. “Ela me ensinou que podemos mudar o dia de uma pessoa com um sorriso, que podemos fazer a diferença com atos simples, como entregar um prato de comida”, conta.

As memórias de Maria José permanecem vivas nas observações que Ernesto faz do mundo ao seu redor. Entre gestos, rostos e situações do dia a dia, ele reconhece traços da convivência com a avó. “Eu a encontro nas boas pessoas. Na



O BERRO

velhinha do ônibus que precisa de ajuda, no idoso atravessando a rua, até na comida: quando como algo ruim, penso ‘minha avó faz melhor’”, diz.

O aprendizado foi mais do que prático: moldou sua visão de comunidade. Ao lado dela, Ernesto compreendeu que os laços sociais não se reduzem a obrigações, mas se constroem na disponibilidade de estar presente para o outro.

Entre tantas memórias que guarda da avó, Ernesto destaca aquelas nas quais o amor se revelou como gesto de sacrifício. Uma delas ocorreu na adolescência, quando adoeceu com uma febre forte. Tinha cerca de doze ou treze anos e, sozinho em São Lourenço com Maria José, viu a avó ligar imediatamente para a mãe, que veio buscá-lo no mesmo dia. O reencontro, porém, foi marcado pelas lágrimas: “Quando ela chegou, eu chorei e disse: ‘Não quero deixar minha avó.’ Para mim, ela é tudo. Não consigo nem descrever direito.”

Mesmo quando precisou mudar de casa para morar com a mãe e encurtar as longas horas de deslocamento até o Recife, onde estuda atualmente, Ernesto sentiu a partida como uma despedida difícil. Maria José, ainda que com o coração apertado, soube reconhecer que aquela mudança era necessária para o futuro do neto.

“Acho que encontro minha avó muito no amor. Para mim, exemplo de amor é minha avó. Pensar em amor é lembrar dela. É amor para dar e para doar. Também encontro minha avó no sacrifício, no se doar pelo bem dos outros.”

Hoje, já adulto e estudante de Jornalismo, Ernesto reconhece que a avó continua sendo sua principal fonte de motivação. Cada decisão acadêmica e cada estágio assumido carregam o compromisso silencioso de honrar a história de

Maria José. O esforço dela ao longo dos anos tornou-se referência: é como se todo passo dado por ele fosse uma forma de retribuir o que recebeu.

Ele próprio admite que, diante do cansaço, encontra nela a razão para seguir. “Quando não quero estudar, estagiar, trabalhar, penso que tenho alguém por quem lutar: minha avó”, comenta. O futuro, para ele, é vivido como a continuidade de uma herança afetiva que carrega responsabilidade.

Foi com Maria José que Ernesto aprendeu a valorizar a disciplina, a hospitalidade e a força dos laços familiares. Esses aprendizados permanecem em suas lembranças e orientam a forma como encara o presente e projeta o amanhã. Em sua escolha profissional, vê o Jornalismo como caminho para compreender histórias e ampliar a visibilidade de trajetórias que, como a de sua avó, revelam grandeza nos gestos cotidianos. A vida acadêmica, nesse sentido, não está separada da experiência pessoal: é, antes, consequência dela.



O BERRO

A história de Luís Ernesto Pereira se confunde com a de Maria José. Mais do que avó, ela foi referência de cuidado, disciplina e amor, deixando nele marcas que ultrapassam a infância e acompanham sua vida adulta. Hoje, ao trilhar o caminho no Jornalismo, Ernesto carrega consigo não apenas a memória de quem o conduziu pelas mãos, mas a certeza de que sua trajetória é também continuidade da dela.

Ao escrever este perfil, a jornalista que assina estas linhas – que mantém uma relação afetiva com Ernesto – pôde testemunhar de maneira ainda mais próxima a força desse vínculo. A cada lembrança narrada, tornou-se evidente que Maria José não é apenas uma presença fundamental em sua vida, mas também um exemplo de como o cuidado diário pode moldar destinos. E, diante das palavras dele, não foi difícil perceber: ouvir Ernesto falar da avó é também uma forma de se encantar novamente por quem ele é.

O AMOR DE *Neuma Coelho*
COMO RESPOSTA





A maternidade, por vezes, é tratada como parte do ciclo natural da vida de uma mulher. É quase como se fizesse parte de um checklist obrigatório, que deve ser gabaritado sem muitas discussões. A escolha de ser mãe, como ponderou Neuma, não se apresenta para todas da forma que deveria. A escolha de passar por uma gestação, a escolha de construir uma família da maneira que pode e deseja. É algo que celebra em sua trajetória, a possibilidade de ter escolhido ser mãe do jeito que é. “E não mudaria absolutamente nada do que escolhi”, diz entre sorrisos a mãe de Marco, 26 anos, Maurício, 23 anos e Alice, 22 anos.

Neuma Coelho tem 51 anos. Branca de cabelos ruivos, que estavam recentemente retocados e presos. Brincos dourados com pequenas pedras azuis e um vestido branco e preto. Foi assim que se apresentou, com uma autodescrição. Era algo tão naturalmente exercido por ela, se fazer compreendida por todos que pudessem ver aquele material. E esse tipo de ação condiz muito com suas vivências profissionais, que são várias até então. Formada em Engenharia Civil, Ciências Contábeis e atua há 23 anos na área de Departamento Pessoal. Dentro das experiências nesta última, foi se aproximando cada vez mais dos Recursos Humanos, o que a levou para sua terceira graduação: a Psicologia. Após as suas graduações e seis especializações, Neuma se estabeleceu como psicóloga e professora, além de fazer cursos e treinamentos dentro de suas áreas de estudo.

E existe o Mães da Resistência. Aquela sala onde conversávamos, cheia de cores, bandeiras, símbolos de resistência e acolhimento, era só uma pequena parte de um grande movimento que tomava as ruas e espaços políticos. Presidente do grupo em Pernambuco, Neuma atua como ativista e psicóloga no movimento.

“Mas isso é o que eu faço. Existem as coisas que faço, e o que de fato eu realmente sou”, estabeleceu Neuma após a conversa sobre sua carreira. De fato, é uma grande parte de sua vida, sua busca por conhecimento e aprimoração de habilidades.



O BERRO

Demonstra grande força, a sua presença. Mas ainda existe a Neuma por trás destas conquistas acadêmicas, responsável por trilhar esses caminhos. Existia a Neuma mulher, pessoa.

Identidade e maternidade

Feminista, vegana e ativista pelos direitos humanos. São as palavras iniciais que utilizou para descrever sua personalidade. Ao observar Neuma, desde o jeito que conversava até mesmo o seu estilo, era notável que tinha algo de especial a se reconhecer nela. Era certa em suas palavras, como se não duvidasse por um momento do que falasse; tinha um estilo descolado, com seu batom vibrante e brincos estilosos; atenciosa, se fazia presente desde a escuta até a fala. É inevitável colocar seu foco completo no que Neuma tinha para compartilhar

O casamento trouxe novas responsabilidades para as quais não estava inteiramente preparada. Acostumada desde cedo ao trabalho fora de casa, não dominava as tarefas domésticas. A mãe foi quem lhe ensinou a cozinhar, a organizar a rotina do lar e a lidar com as exigências que se impunham no dia a dia. “Eu não sabia nem fazer comida, porque trabalhava fora, e era minha mãe quem fazia. Ela me ensinou. E segurei a barra”, relembra.

Gosta de dizer que “A maternidade desafia”, mesmo que seja um desafio repleto de muito amor e diversidade. E sua trajetória iniciou com Marco e Maurício. Com 3 anos de diferença, os irmãos são filhos do mesmo casamento de Neuma, o primeiro. Relembra a separação, que aconteceu um pouco depois do nascimento de Maurício, como algo muito natural. Existia ali uma separação emocional do antigo marido com os filhos, e conseqüentemente com ela própria. Não houveram embates, apenas uma

aceitação de que aquele ciclo tinha chegado ao seu fim.

Certo dia, anos após a separação, Maurício comentou sobre como ela era uma mãe solo. Neuma, surpresa, disse que não. Não se encaixava naquele grupo, pois mesmo após o divórcio, o pai havia colaborado: havia recebido auxílio financeiro com a escola, materiais...Mas logo parou, refletiu mais um pouco. Se fazer presente era muito mais do que aquilo, e ela sabia disso. Existia uma cobrança por parte dela para que ele visitasse os filhos, participasse mais da vida de cada um. Era uma cobrança por algo que deveria ser natural, essencial. Porém mesmo diante deste cenário, nunca tinha se considerado assim, mãe solo.



A partir deste ponto, após o primeiro casamento, é importante inserir um parêntese. Neuma carregava sonhos quando se tratava de ser mãe. Relembra que desde criança, na época em que pensamos demais naquele futuro distante, dizia com convicção que queria ser mãe de três meninos. Não passava pela sua cabeça ter uma filha menina. Pondera que talvez isso se dê diante da sua estrutura familiar de infância, onde cresceu rodeada por suas duas irmãs. Queria algo diferente.

O amor que transforma

Mas a maternidade carrega desafios, que chegam desavisados e transformando sua vida em algo completamente novo. Ao engatar em outra relação após a separação, que no futuro viria a ser seu segundo casamento, chega Alice que, aos 9 anos, surpreendeu Neuma. No primeiro dia em que pisou em sua casa, virou-se para a futura madrasta e perguntou se queria ajuda para preparar o almoço. Aquilo ressoou em Neuma de diversas formas. Percebeu que ali, naquela menina “marrenta e cheia de responsabilidade”, existia uma criança que não tinha espaço para ser criança. Não apontou dedos para sua genitora, mas compreendeu que o ambiente onde tinha crescido durante estes nove anos havia provocado uma necessidade de “ser adulta”. Lembra de negar gentilmente a ajuda, e sugerindo que Alice brincasse com Maurício, ambos com a mesma idade na época. Aos poucos, Neuma observou Alice relaxar e ser criança.



No início do relacionamento, a casa era movimentada e repleta de novas dinâmicas, com os novos integrantes da família. Iam à igreja

juntos, tinham momentos de lazer dentro e fora de casa e construía aos poucos esta estrutura familiar. Mas aos poucos, aquilo foi se modificando. A manipulação e o controle excessivo foram surgindo dentro de conversas e ações do casal, aquela figura masculina de opressão sendo revelada de diversas maneiras possíveis. A casa havia se tornado um campo minado, como se a qualquer momento pudessem pisar em falso e implodir discussões.

“Acho que ele deveria ir para terapia”. Foram essas as palavras que ecoaram nos ouvidos de Neuma. O seu cônjuge se referia a Maurício, com 11 anos na época. O menino participava do coral da igreja, era talentoso e muito extrovertido. Mas desde cedo, lidou com um preconceito velado de cuidado. O modo como andava, falava e se portava, todo o seu jeito que era acolhido e abraçado por Neuma, era motivo de olhares atravessados. O ambiente da igreja já não oferecia conforto para boa parte da família, e a sugestão da terapia só compactuava com aquilo. Ele queria que Maurício tivesse uma terapeuta cristã, e Neuma enxergou as intenções por trás daquele pedido.

Maurício nunca havia dito com todas as palavras sobre como se sentia em relação a sua sexualidade. Mas Neuma costuma brincar que seu filho era o que chamavam na comunidade de “criança viada”, de uma forma carinhosa e afetiva. Então mesmo com a ausência de palavras, a mãe enxergava Maurício da forma que era, com todo o amor do mundo. Porém, submetida às dinâmicas abusivas de seu relacionamento, optou por aceitar a terapia. Ali, naquele momento, Neuma sentiu como se estivesse indo de encontro à maré. Sentiu bem no seu peito que aquele não era o seu papel como mãe, de aceitar esta decisão.

O BERRO

Mas foi aí que tudo mudou. A psicóloga que iniciou os atendimentos do menino, por mais que seguisse ideologias cristãs em sua vida pessoal, era uma profissional exemplar. Era como se aquela resiliência que Neuma emanava tivesse abraçado o filho com uma boa oportunidade. Uma oportunidade de compreender sua sexualidade, de ter um espaço seguro para conversa e fortalecer ainda mais a sua relação com a sua mãe. Após o início do tratamento, Neuma se recorda de ter “a conversa” com Maurício, que tranquilamente respondeu a todas as perguntas que ela possuía. Era um menino gay, e nunca tivera problemas diante de sua identidade. Observar aquela certeza e abertura vinda do menino a encheu com um sentimento de orgulho. Até hoje, quando fala sobre a trajetória do filho, seus olhos se preenchem com uma felicidade extrema. Brinca que são almas gêmeas, um encontro que vai além da maternidade.

E a partir deste orgulho, deste entendimento de quem era o seu filho, foi que as coisas começaram a tomar novos rumos. Neuma já não baixava a cabeça diante de conversas opressoras, não se calava dentro dos grupos da igreja quando o assunto era a comunidade LGBTQIA+. Brigava, defendia e expunha sem rodeios suas concepções acerca dos preconceitos e tabus que as pessoas carregavam. Seu ativismo já dava as caras aí, nessa libertação diária que praticava em seus círculos sociais.

A sua graduação de psicologia surgiu daí, desse interesse em compreender e abraçar estas causas que circulavam sua rotina. O período de 2019 e 2020 deu início a mais um ciclo na vida de Neuma, na área acadêmica e pessoal. Quando se trata do pessoal, conseguiu encerrar o ciclo do seu segundo casamento de vez. Sua casa, que costumava ser um local de reclusão e dominado pelo seu marido, aos poucos foi

abraçado por seus filhos e pela própria Neuma. Todos começaram a elevar sua voz, tomar seus espaços, clamar a casa como sua. O ambiente já não tinha espaço para a opressão, para aquela relação danosa.



Já na sua vida acadêmica, foi aí que começou a sua graduação de Psicologia, que se alinha completamente aos seus interesses em abraçar e compreender as causas que circundam seu dia a dia. Logo nas primeiras semanas de curso, representante da organização “Mães da Resistência” palestraram em uma de suas aulas. Na época, pareceu aqueles momentos que Clarice Lispector discorre em “Água Viva”. O tempo carrega uma simultaneidade, como se as coisas que acontecem nos instantes presentes aparentam já ter cruzado as nossas vidas. O que de fato tinha acontecido, com Neuma e a organização. Anos antes, quando ainda frequentava a igreja e começava a se desvincular destes ambientes que feriam seus ideais e os da sua família, havia escutado falar do Mães da Resistência. Na época, era chamado de Mães da Diversidade e ainda não tinha as proporções atuais. Mas uma amiga comentara

O BERRO

acerca de suas ações, que já eram voltadas à comunidade LGBTQIA+. Guardara aquela informação até aquele momento, anos depois, quando seu caminho havia se conectado de vez com o ativismo.

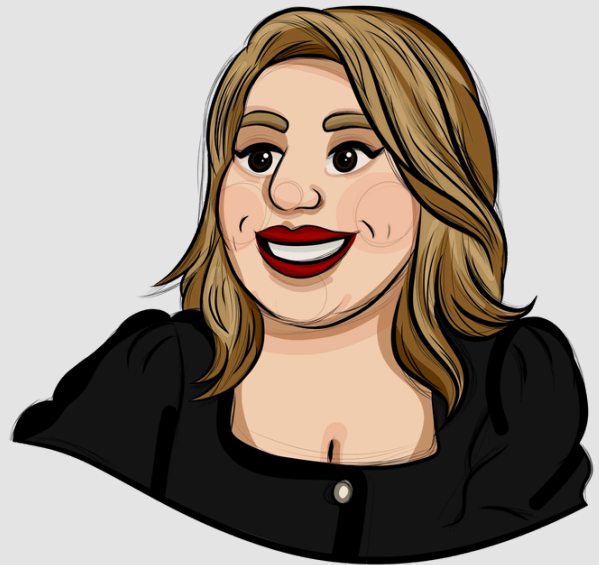
Entrar em contato com a organização, em alinhamento com seus estudos nas diferentes áreas da psicologia, foi especial para Neuma. No Mães, entrou em contato com os mais diferentes tipos de parentalidade, todos ligados à comunidade. Existem grupos de apoio e centros de auxílio para estas famílias que refletem diariamente sobre suas relações com os filhos e parentes LGBTQIA+. São histórias de entendimento e aceitação, quando existe uma abertura para tal ou quando se trabalha na criação desta abertura; de negação, quando estes preceitos enraizados nas falas e atitudes diárias criam barreiras para que exista uma compreensão do que de fato é ser parte da comunidade; até mesmo de luto, um dos relatos mais sensíveis que Neuma carrega em suas experiências na organização. Existem mães que ingressam os grupos de apoio após perderem seus filhos, muitas vezes por suicídios ou overdoses. E a psicóloga se encontra nessa posição, de acolher e entender as dores daquele familiar, que por vezes segue sem compreender as razões por trás da perda. Não reconhecem que a falta de aceitação, que a ignorância possa causar tantos danos. São missões diárias, que também compõe aqueles desafios que a maternidade carrega.

Mais uma vez Clarice surge nas entrelinhas da trajetória de Neuma. Existe uma doação intrínseca em suas ações. Ela não só simpatiza com as experiências de quem ama, ela se torna aquele amor. “Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de te ser”, Lispector escreveu. E Neuma teceu estas palavras em cada um dos membros e amigos da sua família, nas pessoas que cruzou no Mães da Resistência. A resiliência

que acompanha sua identidade também se traduz em amor, um amor potente

A escolha de ser mãe, para Neuma, foi possível. E esta possibilidade deu origem a toda esta trajetória. Sabe que não é uma mãe comum, diz que é “fora da curva”. E diz isso entre risos, mas com uma certeza absoluta. Se orgulha das suas escolhas, se orgulha de Marco, Maurício e Alice. Mareja os olhos só de tentar pensar no que mais a orgulha nos filhos. Pensa que a maternidade vai muito além da empatia, da parceria, das palavras. É emoção, mas também é razão. É equilíbrio e aprendizado.

Esta é Neuma, repleta de doação e resiliência. Aqui retorno para Clarice, em “Água Viva”. “Estou alegre neste mesmo instante porque me recuso a ser vencida: então eu amo. Como resposta”. Durante todos estes anos de maternidade, esta foi a resposta de Neuma: o amor.



MAURÍCIO E NEUMA: CUIDADO E TRANSFORMAÇÃO



“Somos eu, Marco, Alice e Mainha”, estabeleceu Maurício, entre sorrisos. Porque falar de Neuma Coelho é falar de sua família, da sua casa. Sempre cheia, a casa dos Coelho é repleta de pessoas e histórias, movimentada. O filho mais novo, de 22 anos, pensa nesse fato com bastante carinho, assim como a mãe. Na verdade, ambos dividem certos momentos de suas vidas com percepções semelhantes.

De início, queria que tu descrevesse um pouco da tua estrutura familiar.

A gente mora aqui em casa eu, Mainha, Marco e Alice, que são os meus irmãos. E a gente divide muito a nossa casa, abre as portas pra muitas outras pessoas. A “base” é nós quatro, mas raramente estamos só nós aqui, é sempre um encontro de amigos, namorados, namoradas.

Em relação a vocês quatro, essa estrutura nem sempre foi assim né?

Cresci nessa estrutura meio dinâmica né? Durante uma época, também éramos quatro. Eu, Mainha, Painho e Marco. A casa sempre cheia, com voinha, voinho, Tia Creusa e Zefinha, que trabalhava lá. Cresci muito tempo com Zefinha. Inclusive, acho que até certo ponto da minha vida, dividi mais tempo com Zefa do que com Mainha. Ela fazia faculdade, trabalhava, a gente se via de manhã e à noite.

Zefa também era mãe?

Zefinha foi mãe quando eu tinha uns 12 anos, acho. Ela ainda não tinha sido mãe porque sempre que tentava, o corpo dela abortava. E na última gravidez dela, deu certo. Mas o médico disse “Pare, pare de trabalhar. Você vai repousar por 9 meses”. E foi aí que ela parou de trabalhar

Como era pra ti, quando criança, compreender a vida atarefada da tua mãe?

O BERRO

Acho que desde pequeno, sempre entendi que essas ausências eram para o bem de todos. Nunca fiquei chateado. Ela sempre estava estudando, trabalhando, pra conseguir com que a gente lá em casa tivesse o melhor. E mesmo durante a separação dela com Painho, eu ficava é feliz porque dizia que iria ter duas casas! Sempre entendi a vida dela.

Tens Marco como essa figura de irmão mais velho, mesmo que tenham uma diferença de idade pequena. Mas quando teu ex-padrastro entra nessa dinâmica familiar, como foi o processo?

Eu tinha uns 9, 8 anos quando ele começou a se relacionar com Mainha. Alice com ele, um pouco conturbada, mas nada que se relacionasse a ela. Ela tinha diversos motivos, causados pelo meu ex-padrastro e pai dela. Foi uma relação muito difícil, a dos dois.

Da tua mãe e ex-padrastro?

Isso. Foram 8, 10 anos de relacionamento, não me lembro direito. Mas durante esse tempo, se estabeleceu em casa toda essa doutrina cristã, uma submissão, ele realmente era uma pessoa tóxica e problemática. Dos meus 8 até uns 12 anos, senti que não tive uma relação nada próxima com Mainha. A gente estava na mesma casa, mas se tornou completamente desfocada da gente, eu sentia ela ausente. “Ela tava com escamas na frente dos olhos”, citando aqui a própria Bíblia.

Dentro desse ambiente desconfortável e sentindo esse desfoque em relação a sua mãe, como isso mais te afetou?

Foi nessa época que comecei a me entender, sabe? Lembro que era muito próximo das meninas da escola, sempre participava das festas do pijama. Mainha sempre me ouviu, mesmo nesse período. Ela sempre me acolheu.

E lembro que em uma dessas dormidas, uma das minhas amigas colocou “Rupal’s Drag Race”, e eu amei aquilo. Até hoje eu sou apaixonado por reality de competição. E depois de conhecer RDR, eu comecei a pesquisar sobre o programa. Entrei um grupo de Facebook, conversava com outros fãs da comunidade. Mas foi durante esse período que meu padastro começou a plantar uma sementinha na cabeça dela, do tipo “Mauricio é muito afemidado, tem que dar uma olhada nas coisas dele”. Aí lembro da minha mãe me chamar no quarto, um dia. Ela me perguntou diretamente seu eu era gay, e eu respondi que sim. Aí ela me disse que tinha visto os grupos no Facebook, e que tinha me tirado de todos. “E você vai para um psicólogo”, lembro que ela falou. “Um psicólogo cristão”. A gente até gostava de ir ao culto, cantar as músicas, eu e Marco íamos para acampamentos cristãos. E mesmo que isso viesse da influência do meu ex-padrastro, a gente gostava da rotina. Na época eu já sabia que a doutrina cristã via os homossexuais como pecado, mas não tinha como me opor à decisão.

Como isso ressoou em você, aos 9 anos de idade?

A terapeuta mudou completamente nossa trajetória a partir dali. Lembro que ela me perguntou se eu tinha religião, e eu respondi que não. Ali, ela me fez entender muito novo quem eu era. Lembro que mais tarde, aos 12 anos mais ou menos, o pessoal passava pelos problemas normais da adolescência e eu já tinha mecanismos pra entender melhor as coisas.



O BERRO

Você disse “nossa trajetória”. Isso se refere a sua mãe também?

Sim, com certeza. Virou uma chavinha na cabeça dela, sabe? Lembro que ela ia em algumas sessões e ela entendeu perfeitamente o que tava acontecendo. Achava até engraçado porque de forma natural, ela me viu como o “amigo gay” e me fazia várias perguntas sobre cabelo, maquiagem. E até hoje eu não faço a mínima de nada disso, mas era o jeito dela de se conectar comigo. E ela não só se conectou como lutava abertamente por mim. Começou a brigar nos encontros da igreja quando o assunto LGBTQIA+ surgia, que vinha sempre de uma forma negativa, bater de frente com meu ex-padrastro. Foi difícil, ele dizia pra mim que Mainha tinha vergonha do que eu era, que meu pai biológico não se encontrava comigo porque eu era daquele jeito. Mas tudo isso não ficou em mim como um trauma, sempre tive a cabeça muito tranquila, fechadinha no que sou. Eu me bastava com isso, e era isso sabe?



E encarando essa mudança na relação de vocês, como isso foi se construindo até os dias de hoje?

Eu sempre vejo Mainha lutando por mim. A gente é parecido, muito parecido, e por vezes a gente até briga por causa disso. Às vezes algo que me incomoda nela grita Maurício, e vice-versa. Dividimos muito um com um outro, mais do que filhos e mães dividem normalmente. Passamos por muitas coisas juntos, muitas mesmo. E hoje enxergo nossa cumplicidade como um fruto disso, desses laços extremamente fortes que construímos.

Qual o maior significado da maternidade da tua mãe para ti, na tua vida?

Mainha escolheu ser mãe, ela sempre compartilhou com a gente. Ela queria ser mãe de menino e fala que até fez aquelas alimentações especiais pra quem quer ter filho homem. Era nova quando foi mãe pela primeira vez, na casa dos 20. Eu vejo que ela se fez muito mãe por correr atrás das coisas, fazer com que a gente crescesse com a melhor educação, com comida dentro de casa. E não só isso, a gente sempre pode fazer e ter de tudo, dentro da nossa realidade. Lembro que eu tinha um sonho de ter uma Monster High, gostava muito. Eu fiquei dando voltas e voltas pra pedir a boneca pra ela, receoso. Mas assim que falei, ela fez questão de me dar. “Se você quer uma boneca, é claro que vai ter uma boneca”. Mas depois de um tempo, rolou uma pressão dentro da minha cabeça e fiquei incomodado por ter esse brinquedo. Quis me desfazer dela, e até pra isso ela me deu espaço. Ela sempre deu espaço pra escutar a gente e nos acolher. Hoje faz muito sentido ela ser psicóloga e atuar na ONG, ela é mãe de outras pessoas além da gente aqui em casa.

É notório o cuidado que Neuma assume pra trajetória dela. Vai além, né?

O BERRO

É muito cuidado, conversa muito com a gente e quer entender o que acontece na nossa vida. As pessoas falam de suas mães, e tenho certeza de que elas são muito legais. Mas a minha, com toda certeza, é a melhor do mundo. Ela se apropriou da palavra maternidade, da palavra mãe, e tomou todinha pra si. É quase mágico o jeito que ela é mãe.



Maria Laura: FORÇA QUE
RENASCE





O barulho metálico dos pesos se mistura ao riso de uma criança. No canto do box, João Mariano, de um ano e quatro meses, observa a mãe com olhos curiosos e um sorriso que ilumina o espaço. No centro do tatame, Maria Laura ergue o halter com firmeza, o movimento é preciso, controlado, e feito com um único braço. O outro, perdido em um acidente há quase cinco anos, é lembrança e força.

A cena, apesar de incomum para muitos, é cotidiana para ela. Para quem vê de longe, pode parecer apenas um treino de CrossFit com uma jovem mãe e seu filho. Mas, ao olhar de perto, cada movimento conta uma história de recomeço, coragem e maternidade, uma maternidade que ela vive em três dimensões, e que, como ela mesma gosta de dizer, é a verdadeira missão da sua vida.

Pernambucana, doceira, catequista e atleta de CrossFit, Maria Laura é, antes de tudo, mãe. Mãe do João Mariano, mas também mãe, por amor, do Guilherme e do Caio, filhos biológicos de seu marido, Mário. Para ela, não há separação possível: “Sou mãe de três. Onde quer que eu vá, falo isso. Não existe diferença entre eles no meu coração.”

A história que Maria Laura conta hoje com serenidade nasceu de um momento que dividiu sua vida em antes e depois. Em novembro de 2020, aos 27 anos, um acidente de carro em uma estrada mal sinalizada de Sergipe virou suas certezas de cabeça para baixo. Ela estava de férias com o marido quando o carro capotou três vezes. O impacto violento trouxe ferimentos graves, a amputação do braço direito, seu braço dominante e, pouco tempo depois, a perda temporária dos movimentos das pernas.

As memórias desse período são nebulosas, mas a sensação que ficou não. “Eu não conseguia mais me reconhecer”, relembra. “Me olhava no espelho e não via a Maria Laura que sonhava ser mãe. Via alguém quebrada, alguém tentando entender onde tinha ido parar.”

Nos meses seguintes, a reabilitação se tornou sua



O BERRO

rotina. Entre fisioterapias, idas ao hospital e a adaptação à amputação, ela enfrentou não apenas dores físicas, mas também silenciosas guerras internas. “A dor emocional, às vezes, era pior do que a física. A sensação de impotência... de não conseguir levantar, de não conseguir fazer as coisas que antes eram simples.”

Ainda assim, no meio do caos, um desejo se mantinha intacto: parir uma criança. Não importava quando, não importava como, esse sonho permanecia como chama acesa.

Foi nesse período de fragilidade que o esporte entrou na vida de Maria Laura. A natação veio primeiro, quase por acaso, como recomendação médica para reabilitação. No início, ela se sentia deslocada, insegura. Entrar na piscina sem o braço direito exigia coragem. Mas a água, que acolhe tudo o que toca, devolveu à pernambucana uma sensação que ela não experimentava há muito tempo: leveza.



“A natação me fez lembrar que meu corpo ainda podia aprender. Ainda podia tentar.” Cada braçada era uma vitória. Cada pequeno progresso, uma semente de esperança. Com o passar dos meses, os movimentos das pernas voltaram, o equilíbrio melhorou e, com ele, a confiança.

Depois de meses de dedicação à natação, o que começou como reabilitação se transformou em conquista. Maria Laura não apenas recuperou a mobilidade: ela encontrou ali um talento que nem imaginava ter. Com treinos disciplinados e uma determinação que impressionava técnicos e colegas, tornou-se bicampeã pernambucana e bicampeã brasileira na categoria de paratletas. As medalhas, que hoje guarda com orgulho, não simbolizam somente vitórias esportivas — representam a prova viva de que ela é capaz de atravessar qualquer limite imposto pela vida. Para Maria Laura, cada prova vencida era mais um passo em direção à mulher, atleta e mãe que ela se tornaria.

O CrossFit chegou depois, apresentado por amigos. E se tornou, aos poucos, mais do que esporte: se tornou casa. Ali, Maria Laura descobriu que podia se reinventar completamente. “No CrossFit, ninguém me tratava como incapaz. Ali eu não era a menina que perdeu um braço. Eu era a mulher forte que treinava.”

Ela buscava força física, mas encontrou principalmente força emocional. Os treinos exigiam disciplina, foco, resiliência, as mesmas qualidades que ela precisaria para viver uma maternidade que, embora desejada, parecia distante.

O que Maria Laura não sabia é que, naquela nova rotina, seu sonho já havia começado a ganhar forma.

O BERRO

“Eu levei um susto gigante. Eu pensava: ‘Meu Deus, agora que voltei a ter controle sobre meu corpo, vem essa novidade.’ Mas o medo durou pouco. A vontade de ser mãe falou mais alto.”

Os médicos acompanharam de perto cada etapa. Maria Laura seguiu treinando com orientações profissionais, escuta ao próprio corpo e uma fé profunda de que tudo ficaria bem. “O medo existia, claro. Mas era menor do que a vontade de ser mãe.”

Ela treinou até as 39 semanas de gestação. Participou de competições, ganhou medalhas, surpreendeu quem acompanhava seus movimentos. Mas, para ela, nada disso importava tanto quanto o objetivo real: estar forte o suficiente para segurar o filho nos braços após o parto.

“Me preparei e me fortaleci durante nove meses para poder segurá-lo no colo”, conta, com brilho nos olhos.

João Mariano chegou ao mundo como um sopro de esperança, como uma promessa que finalmente se concretizava. O nome dele não foi escolhido ao acaso. Maria Laura, catequista, tinha feito uma promessa à Imaculada: se engravidasse e seu filho viesse com saúde, o nome dele honraria sua fé. Assim nasceu João Mariano — nome carregado de devoção, gratidão e recomeço.

A maternidade para Maria Laura, não começou ali. Começou muito antes, quando ela entrou na vida de Mário e encontrou, nos olhos do pequeno Guilherme, então com 7 anos, a primeira experiência de ser mãe.

“Ser mãe é minha missão. E essa missão começou quando conheci meus enteados”, afirma.

Quando Maria Laura conheceu Mário, ele já

tinha um filho pequeno e o segundo estava prestes a nascer. Muitos poderiam enxergar desafios; ela enxergou um chamado. “Eu os amei desde o início. Nunca senti diferença entre o amor por eles e o amor pelo João.”



Hoje, o mais velho, com 16 anos, é seu parceiro de conversas sérias, conselhos e cumplicidade. “Ele me ouve, eu ouço ele. É uma relação madura, bonita, muito baseada na confiança.”

O do meio, Caio, ela define como “um encontro de almas”. Temperamento parecido, afinidade natural, carinho espontâneo, uma ligação que parece ter vindo de outras vidas.

E João Mariano, o caçula biológico, é “a promessa da vida inteira”, o filho que ela esperou com paciência, fé e luta.

“Eu sou mãe de três. Não existe diferença. Amo todos igualmente. Talvez, em alguns momentos, até ame mais os dois mais velhos, porque eles já passaram por coisas juntos comigo que o João ainda vai viver.”

Para ela, maternidade é acolhimento, é presença e é a certeza de que, para os filhos, ela

O BERRO

estará sempre ali. “A maior prova de amor que posso dar é mostrar que, se eles quiserem, eles conseguem. Mas se precisarem, eu faço junto. Sempre.”

A vida com João Mariano é intensa, cheia de descobertas e desafios. Maria Laura faz tudo sozinha, troca fralda, dá banho, alimenta, brinca, leva para os treinos. Tudo com um único braço.

“As pessoas se surpreendem quando me veem fazendo tudo sozinha. Mas não é heroísmo, é amor. É o que me move.”

Ela encontrou jeitos próprios de segurar o bebê, de vesti-lo, de carregá-lo no colo. Cada movimento foi aprendido com paciência, perseverança e a certeza de que ele merecia ter a mãe mais presente possível.

O CrossFit passou a fazer parte da rotina da família. João acompanha os treinos, brinca no box, cresce vendo a mãe levantar pesos, transpirar e sorrir durante cada repetição.

“Ele está em tudo no meu dia. Tudo mesmo. É minha inspiração.”

Se no início o esporte era um caminho de reabilitação física, hoje ele é também um remédio emocional. “O CrossFit me ajudou a curar o sorriso que doía. Aquele sorriso que eu dava, mas que, por dentro, era triste.”



No box, Maria Laura encontrou comunidade, apoio, amigos que viraram quase irmãos. Descobriu também que não há limite para o que o corpo pode fazer, mesmo com uma amputação. “O limite é só o que a gente acredita que tem. Eu encontrei o meu quando virei mãe.”

A prótese do braço ainda não chegou — uma luta burocrática, emocional e financeira que ela trava diariamente. Mas a ausência dela não impediu Maria Laura de construir um corpo forte, funcional e admirável.

“Eu faço tudo. Talvez de um jeito diferente, mas faço. E faço bem.”

Além do esporte e da maternidade, Maria Laura mantém uma pequena confeitaria artesanal, onde produz doces sob encomenda. Entre panelas, receitas, treinos e mamadeiras, ela organiza uma rotina que poucas pessoas conseguiriam sustentar.

Na paróquia, atua como catequista, função que desempenha com a mesma devoção que dá aos filhos. “Minha fé me sustenta. Se não fosse ela, eu não teria suportado tudo o que vivi.”

E é essa fé que ela transmite aos adolescentes que acompanha, aos filhos que cria e às pessoas que se inspiram em sua história, uma história que carrega cicatrizes profundas, mas também uma luz intensa.

Hoje, entre halteres e mamadeiras, Maria Laura segue se reinventando. A cada dia, encontra novas formas de cuidar de si, de João, de Guilherme e de Caio. A cada movimento, mostra que limites são fronteiras que podem ser atravessadas com coragem e propósito.

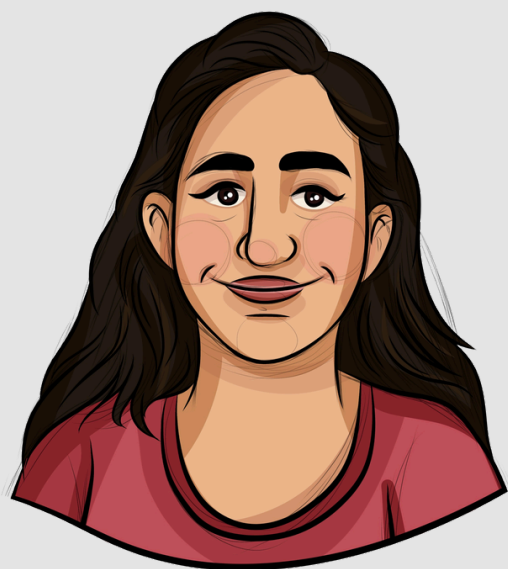
“Eu aprendi que a gente sempre pode começar de novo. Que nada está perdido quando existe amor.”

O BERRO

Quando alguém pergunta sobre suas dificuldades, ela sorri com tranquilidade, aquele sorriso forte, encorajador, que parece abraçar quem a ouve e responde, segura:

“Eu sou mãe. E ser mãe é a maior dádiva da minha vida.”

No box, de volta ao treino, Maria Laura posiciona o corpo para mais uma série de repetições. João Mariano, atento, sorri para ela. E ali, naquele instante, fica evidente o que ela sempre soube: a maternidade não é apenas parte de sua história, é a força que levantou todos os pesos que ela precisou carregar. Uma força que não tem limite. Uma força chamada amor.



ENTRE RESILIÊNCIA E AMOR: A MATERNIDADE PLENA



Por trás de muitas histórias de maternidade há jornadas silenciosas, feitas de coragem, renúncia e descobertas. No caso de Maria Laura, essa jornada começa bem antes de ouvir o primeiro choro do próprio filho. Começa no encontro com uma família já construída e no amor que ela escolheu oferecer e que, com o tempo, transformou completamente sua vida. Hoje, ela é mãe de três: o adolescente Guilherme de 16 anos, o menino Caio de 8 e o pequeno João Mariano, de apenas 1 ano e 4 meses. Apenas o mais novo é seu filho biológico mas, na história da casa, esse detalhe pouco importa.

Para seu marido, Mário, que concedeu a entrevista base desta matéria, Maria Laura é simplesmente mãe. Daquelas que abraçam, educam, se sacrificam, se reinventam e se doam. Daquelas que, mesmo diante de desafios que poderiam paralisar qualquer pessoa, seguem adiante com dignidade, fé e uma força que ele descreve, sem hesitar, como admirável.

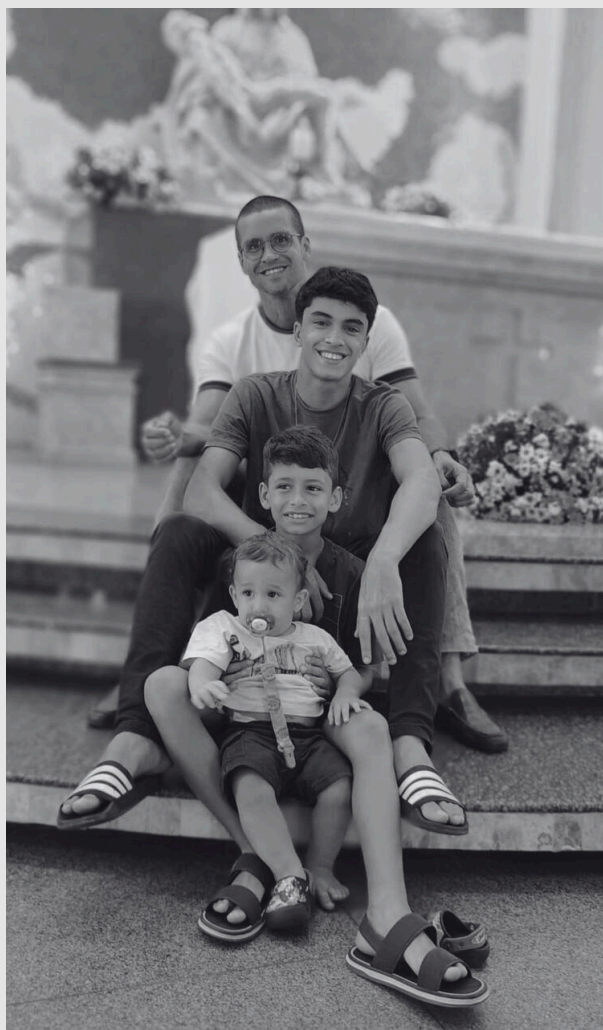
A fase atual da família é marcada pela vitalidade do caçula. Com 1 ano e 4 meses, João Mariano está naquele momento da vida em que tudo é descoberta, tudo é movimento, tudo é energia. Ele demanda atenção, controle, cuidados constantes e isso seria suficiente para exaustar qualquer mãe. No caso de Maria Laura, há um desafio adicional: ela realiza todo o cuidado do filho usando apenas um braço.

Anos atrás, em uma viagem de férias ao lado do marido, Maria Laura sofreu um grave acidente de carro. O impacto tirou dela o braço dominante, uma perda física brutal que, por muito tempo, também se somou a feridas emocionais profundas. A reabilitação exigiu força, disciplina, paciência e a capacidade de reaprender praticamente tudo. Mas, para Mário, que acompanhou cada etapa, a reabilitação de Maria Laura foi mais do que um processo: foi um renascimento.

Hoje, ver Maria Laura cuidando de João com destreza e delicadeza não é apenas uma visão cotidiana, é testemunhar a superação acontecendo diante dos olhos.

Mário conta que, apesar da dificuldade óbvia de controlar um bebê tão ativo usando apenas um braço, a fase tem sido, nas palavras dele, “bastante gostosa”. João Mariano é desejado, celebrado, tão sonhado que cada gesto, cada sorriso e cada descoberta do pequeno parecem recompensar a família todos os dias.

Um dos pontos mais marcantes da fala de Mário é a forma como ele enxerga a maternidade de Maria Laura: “Ela já era mãe muito antes de descobrir que estava grávida”. Essa frase não se refere apenas ao carinho com o qual ela tratava os enteados, mas à forma com que ela se fez presente na vida deles desde o início.



Segundo ele, Maria Laura sempre se definiu como mãe de três. Nunca houve distinção afetiva entre o biológico e os que vieram antes. Ela se envolveu nas rotinas, na educação, no cuidado, nas conversas difíceis e nos momentos de alegria. Para ela e para Mário, a única diferença real é que ela não pariu os primeiros. E, ainda assim, ela “gera” amor por eles todos os dias.

Essa entrega natural é uma das razões pelas quais, quando João Mariano nasceu, a maternidade parecia apenas ganhar mais uma camada, não começar do zero. O amor dela já tinha raízes.

O nascimento do caçula veio como um marco na vida do casal. Era um sonho que desejavam realizar há algum tempo, especialmente porque a reconstrução emocional de Maria Laura após o acidente havia trazido muitas lacunas, dúvidas, inseguranças e medos. Engravidar, para ela, significava não apenas aumentar a família, mas reencontrar uma confiança em si mesma que o trauma havia abalado.

Quando o teste deu positivo, Mário afirma que ela floresceu. Havia entusiasmo, expectativa e, sobretudo, determinação. Ela queria viver uma gravidez ativa, saudável e feliz e conseguiu.

Antes mesmo da gestação, Maria Laura já havia ingressado no CrossFit como parte importante do processo de reabilitação. O esporte exigia esforço físico, equilíbrio, força e resiliência tudo o que ela precisava desenvolver para se reconstruir. Mário lembra que, desde o início, ela foi “incrível”. Cada evolução técnica, cada adaptação dos exercícios, cada pequena vitória era comemorada com a intensidade de quem sabe o quanto custou chegar até ali.

Mas foi durante a gravidez que, segundo ele, ela o surpreendeu. Mesmo com as mudanças do

O BERRO

corpo e as limitações naturais da gestação, Maria Laura continuou treinando. Não apenas continuou: ela se superou. “Ela treinou no CrossFit no dia em que deu à luz ao João Mariano”, lembra Mário, ainda com ar de incredulidade. Essa atitude, para ele, sintetiza quem ela é: uma mulher que não se deixa limitar, que enfrenta o mundo do jeito que pode mas sempre enfrenta.

Um dos momentos mais sensíveis da fala de Mário aparece quando ele comenta uma das coisas que mais emocionou Maria Laura durante a gestação e nos primeiros meses do filho: a possibilidade de segurá-lo no braço. O acidente havia tirado dela o direito de abraçar da forma como um dia abraçou, e João Mariano chegou para ensiná-la que o amor não depende da quantidade de braços depende da profundidade do vínculo.

Ela lutou fisicamente para que o próprio corpo a permitisse viver essa experiência. Buscou força, equilíbrio, postura. Adaptou rotinas, estudou maneiras de segurar, carregar e amamentar o bebê com segurança. E conseguiu. Cada gesto, por menor que seja, é fruto de muito esforço.

Mário afirma que, depois do nascimento do caçula, Maria Laura se tornou uma pessoa ainda mais madura e resiliente. “É como se a mente dela tivesse expandido”, disse ele, tentando explicar a transformação. Ela se tornou mais produtiva, mais focada e também mais espiritualizada uma cristã mais fervorosa, segundo ele.

João Mariano não trouxe apenas alegria: trouxe propósito. Trouxe sentido. Trouxe cura. A maternidade, nesse caso, não foi apenas uma fase da vida; foi um divisor de águas.

O cuidado de Maria Laura se mostra nas pequenas coisas — e Mário destaca especialmente um gesto que, para ele, é a

síntese da maternidade dela: cozinhar o prato favorito de cada um dos filhos (e do próprio marido). Pode parecer simples, mas não é apenas sobre preparar comida; é sobre individualidade, atenção, afeto, zelo.

Ela também se preocupa constantemente em não magoar ninguém: nem os filhos, nem o marido. É sensível às palavras, aos comportamentos, às emoções dos que ama. Mário descreve essa característica com admiração, reconhecendo que esse cuidado emocional é uma das maiores provas do amor dela.

Ao longo da fala de Mário, fica evidente que Maria Laura é vista pela família como um porto seguro. Uma mulher cuja história desafia limites, mas que não se define pelos traumas. Uma mãe que escolhe amar com intensidade, mesmo quando a vida parece colocar obstáculos intransponíveis no caminho.

Ela é a representação pura do que significa maternidade: acolher, adaptar, crescer, transformar, sobreviver e amar.

E, acima de tudo, seguir.



CONFIRA O DOCUMENTÁRIO E PODCAST HISTÓRIAS DE Mãe

O **BERRO: Histórias de Mãe** vai muito além das palavras. Comportar estas histórias e vivências foi uma missão sensível, que resgatou o lado mais humano que cada estudante carrega em seu jornalismo. E para trazer este projeto à tona, estes relatos se ramificaram em diferentes formatos e lentes.

